

O 'cinema novo' japonês



Lúcia Nagib com o cineasta Y. Yoshida durante mostra de filmes e lançamento, na Unicamp, de seu livro sobre a *nouvelle vague* japonesa. **Página 10.**

Inscrições para Vestibular-94 crescem 26,4%

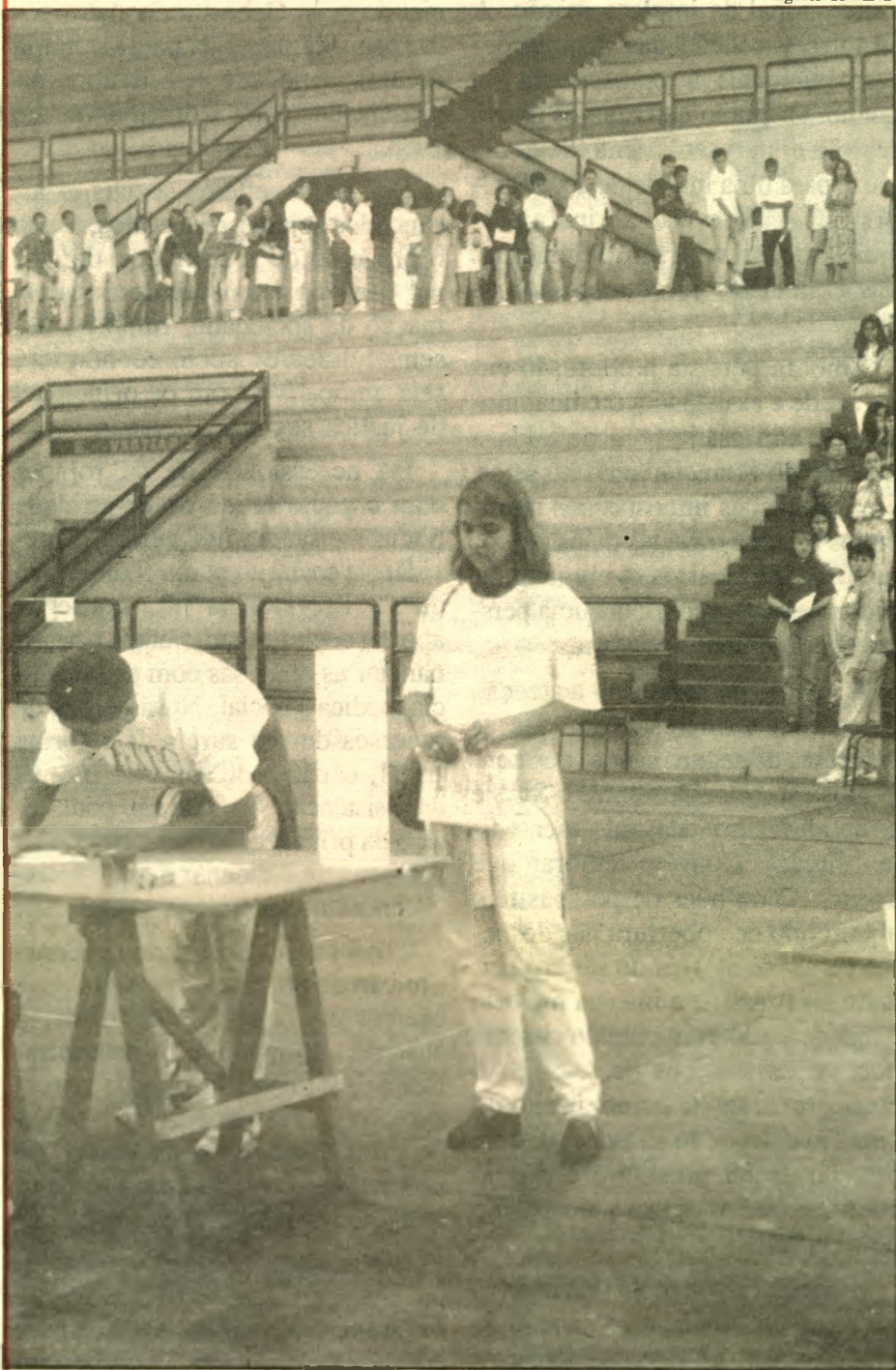
A Unicamp, que já vinha sendo a universidade pública mais procurada no país levando-se em conta a média da relação candidato/vaga, superou as expectativas mais otimistas ao totalizar, este ano, 44.024 inscrições para o seu vestibular de 1994. Esse número representa uma variação percentual positiva de 26,4% em relação ao ano passado

e de 232% se comparado a 1987, quando a Unicamp implantou seu vestibular próprio. Com esse crescimento, a relação candidato/vaga passa de 17,5/1 para 22,1/1, na média. A maior taxa de crescimento deu-se no quadrilátero de capitais formado por Belo Horizonte, Curitiba, Rio de Janeiro e o Distrito Federal. **Páginas 6 e 7.**

Unicamp inicia programa de transplante de medula

Desde setembro, a Unicamp é um dos cinco centros hospitalares do país capacitados a realizar transplantes de medula óssea. Até o início de outubro, o programa já havia realizado dois transplantes. A primeira receptora foi uma paciente de 24 anos, portadora de leucemia mielóide crônica. Tecnicamente, o transplante é simples — o mais

complicado é encontrar um doador geneticamente compatível com o receptor. Para a implementação do programa, o Hospital das Clínicas da Unicamp ativou uma unidade composta de enfermaria padrão com sete quartos climatizados e dotados de um sistema de filtros capazes de reduzir a contaminação por fungos. **Página 3.**



Vestibulandos em dia de inscrição para o Vestibular-94, no campus.

Sedução era arma de escravas para obter liberdade

Para obter sua liberdade, as mulheres escravas do Brasil imperial precisavam usar por vezes até mesmo o jogo da sedução. É o que relata a historiadora Lúcia Helena Oliveira Silva em sua dissertação de mestrado defendida recentemente na Faculdade de Educação da Unicamp. **Página 8.**



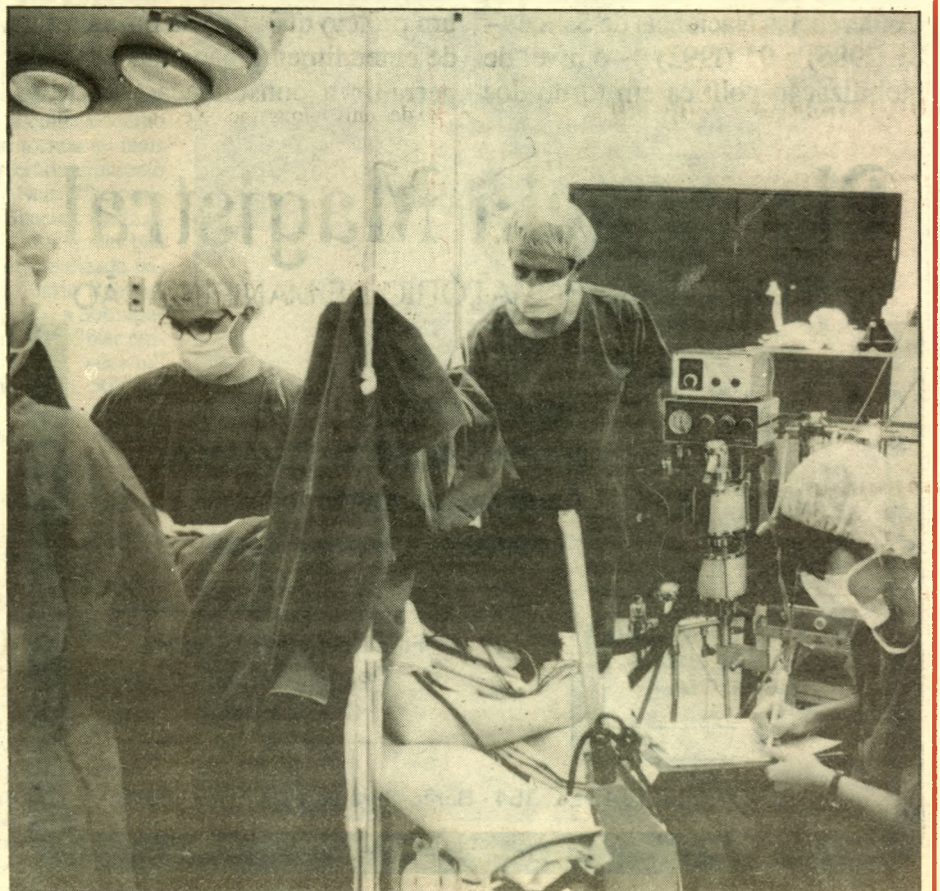
A historiadora Lúcia Helena: tese.

Economia celebra com debates seus primeiros 25 anos

Uma série de seminários reúne, até novembro, as três gerações de economistas que, no último quarto de século, deixaram sua marca no Instituto de Economia da Unicamp. Nesse tempo a unidade (consolidada como tal em 1985) firmou-se como uma das melhores escolas de economia do país. **Página 12.**



Waldir Quadros, diretor do IE.



Aspecto da primeira cirurgia de medula óssea realizada na Unicamp.

Revisão constitucional: a saúde ameaçada?

Léa Bevilaqua

A nação, atônita, foi surpreendida pelo despreparo de parlamentares e partidos para o exercício da democracia quando, em uma sessão marcada pela conturbação e pela violência, a Câmara Federal aprovou a revisão constitucional. Com o início dos trabalhos previstos para 6 de outubro, o país vive ainda um clima de incerteza quanto ao destino da Constituição de 1988.

Não sem razão, pois, cinco anos após a aprovação da Carta, dos 151 dispositivos a serem regulamentados, 30 não foram objeto de qualquer iniciativa, 39 atravessam morosamente a fase de regulamentação, e os 82 restantes obtiveram aprovação das leis complementares sem contudo conseguir implantar mudanças e melhorias nos setores de atividade a que se referem.

É o caso dos capítulos relativos ao Sistema Tributário, Reforma Agrária, Proteção do Meio Ambiente, Direitos da Criança e do Adolescente, Defesa do Consumidor e, entre outros, a Saúde, consubstanciada na Lei Orgânica, um projeto dos mais avançados da atual proposta de Reforma do Estado.

O jogo de interesses e de poder, a composição de forças políticas e econômicas dos diferentes grupos sociais compõem ainda hoje na sociedade brasileira um quadro melancólico de atraso político das elites dirigentes que persistem na tentativa de preservação do *status quo*, ignorando a lei ou utilizando-a em seu favor.

Este é o pano de fundo que se apresenta quando voltamos nossa preocupação para o tema da revisão constitucional.

No setor saúde, acredita-se que o simples cumprimento do texto já aprovado representaria uma conquista. Mas as controvérsias persistem, até mesmo porque, passado o momento histórico das duas últimas Conferências Nacionais de Saúde — 8ª (1986) e 9ª (1992) — o nível de mobilização política em torno dos



Léa Bevilaqua é docente do Departamento de Oftalmologia da FCM da Unicamp.

grandes temas de debate em saúde é mínimo enquanto a atuação dos grupos privatistas torna-se cada vez mais forte e organizada.

Talvez por isso fossem tão modestas as expectativas do Núcleo de Estudos Constitucionais da Unicamp sobre a participação do público — interno e externo à Universidade — no Seminário sobre a Revisão Constitucional que, no último 24 de setembro, discutiu a questão do sistema de saúde no Brasil e o processo de revisão em si.

Embora seja a saúde uma das maiores aspirações humanas, e a doença, pelo sofrimento que acarreta, um dos aspectos mais tocantes da vida, isto não parece ser motivo para mobilizar a sociedade por melhores condições sanitárias.

É possível que as estratégias de sobrevivência do brasileiro em meio ao cotidiano dramático estejam próximas do esgotamento, e, nesse caso, a indiferença e a inércia são difíceis de se evitar.

Mas, em meio a um quadro político confuso e tenso, partimos para um projeto que suporia um mínimo de entendimento nacional a fim de permitir a consolidação do texto

constitucional e o exercício da lucidez no momento da revisão.

É sabido que o capítulo da saúde representa um avanço no conjunto das políticas sociais da carta de 88.

Não chega a causar espanto o abismo que separa a intenção do gesto na área da saúde: a um projeto avançado corresponde uma prática que demonstra a incapacidade institucional de implementação. A simples execução das disposições constitucionais já representaria um ganho. Ou então partiríamos para a revisão com o sentimento de quem parte para uma luta de desfecho imprevisível. A revisão abriria a possibilidade de reversão de algumas das conquistas já consagradas na carta?

Embora persista a confusão entre saúde e assistência médica, ainda que não esteja bem definida a questão do financiamento do setor, e as limitações impostas aos municípios sejam agravadas pelos poucos recursos financeiros, a municipalização da saúde representa uma perspectiva altamente positiva.

A revisão pode facilitar a atuação de grupos e interesses ligados às empresas de seguro saúde, dos convênios estabelecidos entre o SUS e as entidades privadas falsamente filantrópicas. Convém lembrar que apenas 32 milhões de pessoas têm algum tipo de cobertura das despesas de saúde através do seguro privado no Brasil, e a imensa maioria depende exclusivamente do sistema público de serviços de saúde. Ao consagrar a saúde como direito do cidadão e dever do Estado, a Constituição de 88 substituiu o direito conferido pelo seguro pelo direito de cidadania.

Há necessidade de se priorizar as ações de prevenção e promoção da saúde, controlar a assistência coibindo os exageros da sofisticação tecnológica, que não substitui uma boa organização do sistema, nem modifica o perfil das doenças que afetam a maioria da população.

Seja qual for o rumo dado à questão da saúde na Constituição, a luta contra a miséria deve ter prioridade máxima. Faz pouco sentido tentar refletir sobre a saúde com sua especificidade, quando se sabe que todo o conjunto das políticas sociais pode ser objeto de ameaça e retrocesso na revisão constitucional, se as políticas sociais não forem capazes de resgatar a imensa dívida social do país. Cabe a todos lutar pelo aprimoramento da pauta mínima de uma sociedade democrática representada pela Constituição de 1988.

Que os benefícios sociais já alcançados sejam preservados, e que o processo de revisão constitucional como instrumento de transformação da sociedade, rumo ao desenvolvimento sócio-econômico, seja compatível com os princípios de justiça social.

Há necessidade de se romper com o pacto falido da Seguridade Social — saúde, assistência e previdência social — numa situação em que a Previdência não consegue aportar recursos suficientes para financiar as despesas com a assistência médica e social. Novas fontes de recursos devem surgir da reforma fiscal, capazes de suportar o ônus da assistência. A saúde não pode ser alvo da privatização indiscriminada, sob pena de condenar à total desassistência a maioria da população.

Conforme estabelecido na Constituição de 88, o setor privado deve exercer um papel complementar à ação do setor público. A descentralização, as novas formas de parceria entre os setores público e privado, o reforço à competência do poder municipal, são alvos a serem atingidos com segurança e presteza.

Ainda que a revisão constitucional não apenas preserve mas amplie os avanços da política de saúde, corre-se sempre o risco de permanecer distante da maioria a realidade da saúde para todos os brasileiros. E nesse caso, não estaremos mais diante de uma ameaça mas do pesadelo de esperar pelo pior.

Pharmácia Magistral

HOMEOPATIA E LABORATÓRIO DE MANIPULAÇÃO



Plantão
13 de
Outubro

convênio.

ASSUC
ADUNICAMP
TELEBRÁS
RHODIA
A.P.G.

HOMEOPATIA
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULA
FLORAIS DE BACH
FLORAIS CALIFORNIANOS

Farmacêutica Homeopata:
Denise Derly Saburi
CRF 8.11.888

NOVA Agência

AV. SANTA IZABEL, 154 - Barão Geraldo FONE: 39-2319

UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas



Reitor — Carlos Vogt
Vice-reitor — José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão — César Francisco Ciacco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário — Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação — Adalberto Bono M. S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa — Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação — José Dias Sobrinho

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP —

Telefones (0192) 39-7865, 39-7183, 39-8404. Fax (0192) 39-3848

Editor — Eustáquio Gomes (MTb 10.734)

Subeditor — Amarildo Carnicel (MTb 15.519)

Redatores — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglionne (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.917), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751) e Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473).

Fotografia — Antoninho Marmo Perri (MTb 828)

Ilustração e Arte-Final — Oséas de Magalhães

Diagramação — Amarildo Carnicel e Roberto Costa

Serviços Técnicos — Clara Eli de Mello, Dário Mendes Crispim, Dulcinéia Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

IMPRESA OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP
Democratizando a Informação

Unicamp

GOVERNO DE SÃO PAULO
INSTRUMENTANDO UM FUTURO MELHOR

Unicamp faz transplante de medula

HC da Universidade é um dos poucos centros hospitalares do país capacitados na área.

O Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp é o mais novo centro hospitalar do país a realizar transplante de medula óssea (TMO). Iniciado há menos de um mês, o programa de TMO, coordenado pelo hematologista Wellington Moraes de Azevedo, realizou dois dos transplantes já agendados. Agora a Unicamp passa a integrar um seleto grupo de cinco unidades de saúde do país que se empenham no sentido de atender a demanda nacional que é de quatro transplantes por milhão de habitantes.

"Tão importante quanto a realização do transplante é a criação de um programa na área que permita dar prosseguimento aos trabalhos, através da criação de instrumentos para a geração e a difusão do conhecimento, elaborando projetos de assistência, ensino e pesquisa", afirma Wellington, hematologista com especialização no Fred Hutchinson Cancer Research Center (Estados Unidos).

Foi justamente com esse propósito que o Hospital das Clínicas destinou uma área do complexo hospitalar para o desenvolvimento do programa. Atualmente a unidade é composta de uma enfermaria-padrão dotada de sete quartos climatizados e com sistema de tratamento de ar, através de filtros que reduzem a contaminação por fungos. Dos quartos existentes, apenas três estão em condições de uso. "Para trabalharmos com capacidade plena precisamos de uma equipe de enfermagem com 40 funcionários", explica o diretor. O corpo médico é composto por cinco especialistas.

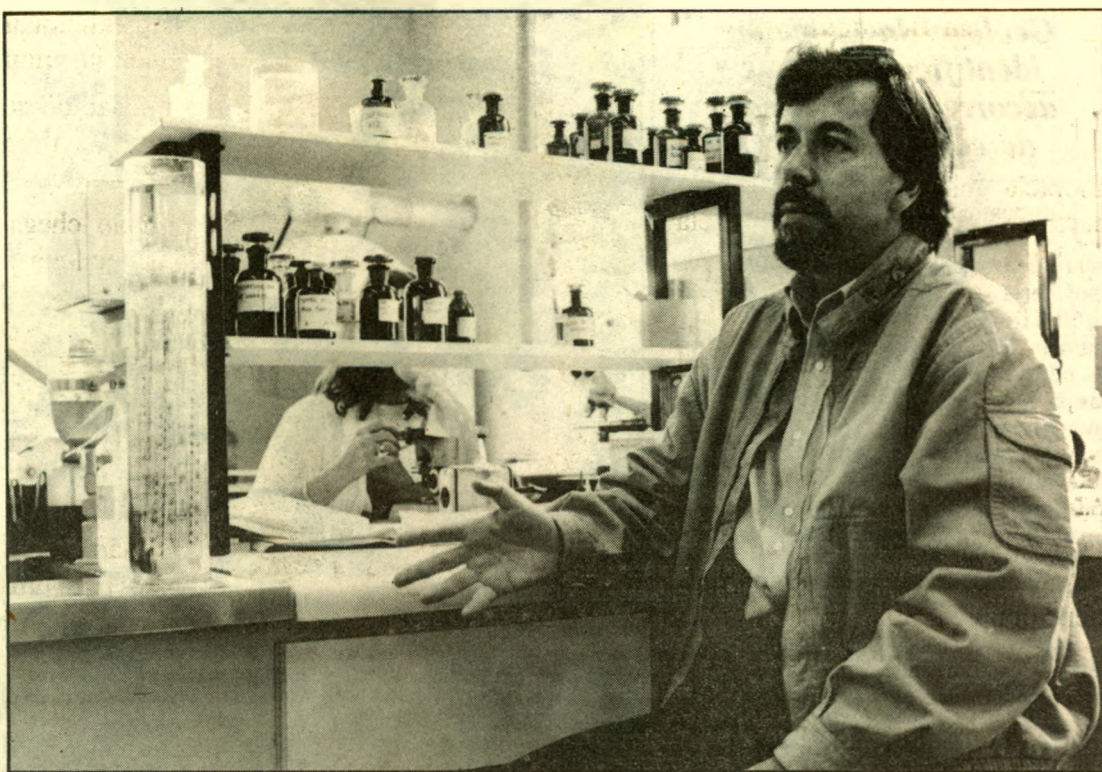
A cirurgia - O primeiro transplante — estimado em US\$ 30 mil e custeado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) — realizado na Unicamp ocorreu no dia 16 de setembro último, quando uma paciente de 24 anos, por-

tadora de leucemia mielóide crônica, recebeu uma amostra (cerca de 750 ml) da medula de sua irmã, doadora geneticamente compatível. A doença se caracteriza pela proliferação indiscriminada de células leucêmicas que se infiltram nos tecidos de órgãos como pulmão, coração, fígado e baço, provocando inchaço que leva o paciente à morte.

Nos sete dias que antecederam a realização da cirurgia, a paciente recebeu doses letais de quimioterapia com o propósito de erradicar a medula leucêmica. Neste curto período, ela ingeriu 592 comprimidos de busulfan — 37 a cada 6 horas. Num determinado momento os comprimidos foram ingeridos com gelatina. O total corresponde a um mês e meio do consumo do respectivo medicamento em todo o HC da Unicamp. Erradicada a medula leucêmica, a paciente fica então na expectativa do material que é extraído da doadora, no centro cirúrgico.

Após a retirada de uma fração da medula do doador — o material é extraído dos ossos da bacia com agulha através de punções — ela é injetada imediatamente na veia do receptor através de um catéter central que leva o material diretamente ao coração, de onde segue seu caminho alojando-se no interior dos ossos. O doador recebe alta no dia seguinte, tempo suficiente, segundo Wellington, para uma observação no que concerne a seu quadro clínico após a anestesia geral.

O período pós-operatório do receptor deve ser observado com muita cautela. O paciente deve ficar isolado durante quatro semanas recebendo altas doses de antibióticos para o tratamento de infecções frequentes no período pós-transplante. Também é medicado com imunossuppressores para evitar a doença do enxerto contra o hospedeiro, ou seja, a nova medula óssea agredindo o receptor num processo de rejeição. "Essa agressão ocorre principalmente em órgãos como fígado e intestino e também na pele, podendo, em casos extremos, levar o paciente ao óbito", diz Wellington. Após seis meses da realização do transplante, é estabeleci-



O hematologista Wellington Moraes de Azevedo, coordenador do programa.

da uma tolerância imunológica em que a medula e o paciente começam a conviver sem se agredir, podendo-se, em muitos casos, suspender definitivamente a administração do imunossupressor.

Embora o paciente transplantado possa levar vida normal, ele terá que conviver com algumas seqüelas. Devido às altas doses de quimioterapia, o aparelho reprodutor é totalmente destruído. A mulher transplantada, independentemente da idade, entra automaticamente em menopausa. Quando o transplantado é do sexo masculino, é possível, antes da cirurgia, retirar o sêmen para posterior fertilização. As seqüelas não se limitam à esterilidade. Em função das altas doses de quimioterapia, o paciente fica mais suscetível ao desenvolvimento de câncer e de catarata. Em crianças,

ocorrem distúrbios hormonais, principalmente relacionados ao fator de crescimento.

Compatibilidade - "Considerando todos os cuidados que o procedimento requer, o transplante é relativamente simples. O mais complicado é encontrar um doador geneticamente compatível", diz Wellington. Essa compatibilidade é determinada pelo estudo do sistema HLA (Antígenos Leucocitários Humanos) do paciente, o equivalente ao grupo sanguíneo das células brancas.

Normalmente o transplante é realizado entre irmãos. A probabilidade de compatibilidade é de 30%. Quando o portador da doença não tem irmãos, ele deve recorrer a bancos de medula óssea existentes em outros países. Trata-se de uma peregrinação dis-

pendiosa e realizada sob forte tensão emocional. É uma corrida contra o tempo: quando o transplante é realizado no período de um ano após o diagnóstico, as chances de sobrevivência são de 70%; após o terceiro ano, as chances diminuem pela metade.

É justamente a situação em que vive o servidor do Departamento de Medicina Legal da Unicamp, Juarez Pires de Souza, portador de leucemia mielóide crônica. Sem irmãos consanguíneos, ele precisa recorrer a bancos de medula no exterior e somente após encontrar um doador geneticamente compatível é que poderá ser viabilizado o transplante. Entretanto esse procedimento, não custeado pelos governos de outros países, tem um preço bastante elevado: US\$ 300 mil. (A.C.)

Nova técnica simplifica correção do lábio

Especialistas suecos fazem demonstração e Unicamp prepara-se para introduzir método.

Dentro de seis meses a disciplina de cirurgia plástica da Unicamp e o Hospital da Sociedade Brasileira de Pesquisa e Assistência para Reabilitação Crânio-Facial (Sobrapar) poderão sistematizar a cirurgia simultânea para a correção de lábio e palato mole (campainha). A nova técnica, introduzida no Brasil pelos suecos Bengt Johanson e Jan Lijla, é fruto de uma cooperação científica que envolve, além das instituições brasileiras, o Hospital Sahlgrenska da Universidade de Gotemburgo (Suécia).

Os especialistas suecos estiveram no Brasil a convite do chefe da disciplina do Cirurgia Plástica da Unicamp e presidente da Sobrapar, Cássio Raposo do Amaral. Segundo ele, a técnica adotada até então consiste em realizar a cirurgia em duas etapas, com espaço de seis meses entre a correção do lábio e a do palato mole, para, em etapa posterior, proceder ao reparo do palato duro.

Introduzida experimentalmente no Brasil, a nova técnica foi aplicada em cinco pacientes com idade entre 1 e 5 anos. A um só tempo, os especialistas fecharam o lábio fissurado e o palato mole, provocando uma espécie de dupla cinta muscular nas partes anterior e posterior. "Com esse método, o palato duro (céu da boca) começa a se unir naturalmente, podendo evitar que o paciente seja submetido a uma segunda cirurgia", afirma Johanson, o autor da técnica cirúrgica e uma das maiores autoridades no assunto.

Durante seis meses o grupo de pacientes operados será acompanhado de perto por médicos, ortodontistas,

fonoaudiólogos e outros especialistas da Sobrapar e da Unicamp até o retorno a Campinas de Johanson e Lijla, previsto para o próximo ano, para uma avaliação. "Dependendo da evolução dos pacientes, a nova técnica poderá ser sistematizada", afirma Cássio Raposo.

Causas desconhecidas — Johanson desenvolveu o novo método em 1975 e já submeteu 270 pacientes de idades diferentes a esse procedimento cirúrgico. Desse contingente, 60 já se encontram em idade adulta. Segundo o especialista sueco, os resultados mostram que a partir de um crescimento normal da face é possível retardar e até diminuir o tratamento ortodôntico e fonoterápico. Reduzem-se também pela metade os custos da própria cirurgia, cujo tempo de duração não ultrapassa a 90 minutos.

As causas das deformidades de face, em geral, são desconhecidas. "Os avanços da medicina nessa área mostram que o paciente, após o tratamento adequado, terá aparência normal", garante Lijla, que também é editor-chefe do *Scandinavian Journal of Plastic Surgery*, uma das mais importantes revistas de divulgação científica na área de cirurgia plástica do mundo.

Segundo ele, na Suécia, um em cada 1.000 nascimentos apresenta fissura labiopalatal. "No Brasil, embora não haja nenhum estudo abrangente feito pelo Ministério da Saúde, acredita-se que a incidência seja maior", avalia Cássio Raposo. Essa afirmação se dá com base em levantamento realizado em 1977 na região de Campinas pelo Departamento de Genética da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Segundo o estudo, a incidência, em relação ao país europeu, sobe para um caso em cada 650 nascimentos.

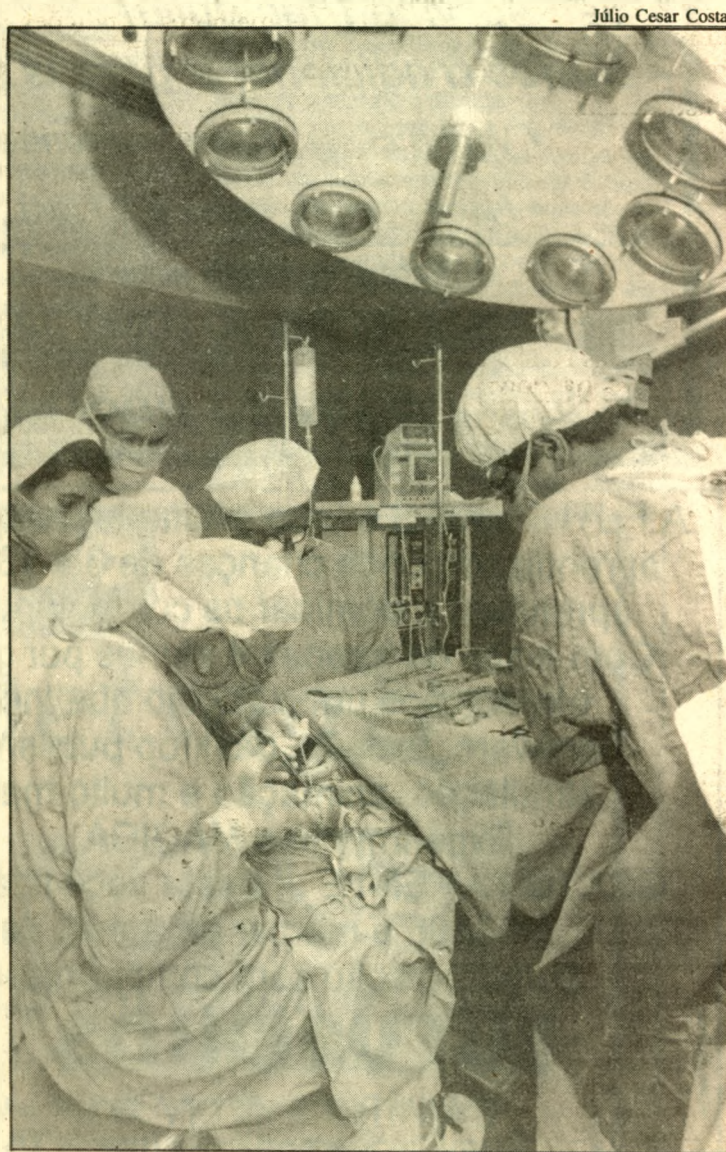
Campanha institucional — Para intensificar esse trabalho que vem

merecendo reconhecimento internacional, a Sobrapar iniciou no último dia 10 de agosto uma campanha institucional através da veiculação de anúncios em jornal, rádio, televisão e *out-doors*. Para pôr todos os setores do hospital em funcionamento a instituição precisa arrecadar cerca de US\$ 500 mil.

A preocupação imediata da Sobrapar é equipar uma sala do centro cirúrgico (das três existentes, somente uma está em funcionamento) e contratar médicos e auxiliares na área pediátrica. No momento o hospital da Sobrapar tem cadastradas 200 crianças com até quatro anos que precisam de cirurgia (algumas com grandes deformidades faciais) a curto e médio prazos. Esse quadro tornou-se mais delicado após o descredenciamento do Hospital Infantil Álvaro Ribeiro de Campinas, junto ao Sistema Unificado de Saúde (SUS). "Até então boa parte das cirurgias era realizada naquele hospital", diz Cássio Raposo.

Nessa busca de ajuda, a Sobrapar está também tentando mobilizar empresários no sentido de que "adotem" funcionários. No momento, 50% do quadro funcional da instituição compõem-se de voluntários. Dos contratados, dois são "adotados" pela Kärcher e pela Lix da Cunha. A estimativa é de que o hospital ainda necessita de 15 funcionários. "Todas as contribuições de pessoas físicas e jurídicas podem ser deduzidas integralmente do Imposto de Renda", lembra a diretora do hospital, Waldenize Tiziani.

A Sobrapar realiza mensalmente 800 atendimentos ambulatoriais e 30 cirurgias. Atualmente o hospital sobrevive com uma receita mensal de US\$ 1 mil. A fila de espera para uma cirurgia de grande porte chega a 500 pessoas de diferentes idades. Os interessados em colaborar com o Hospital da Sobrapar podem entrar em contato através do telefone 39-4465. (A.C.)



Equipe de médicos suecos faz cirurgia demonstrativa.

O perigo que vem do espaço

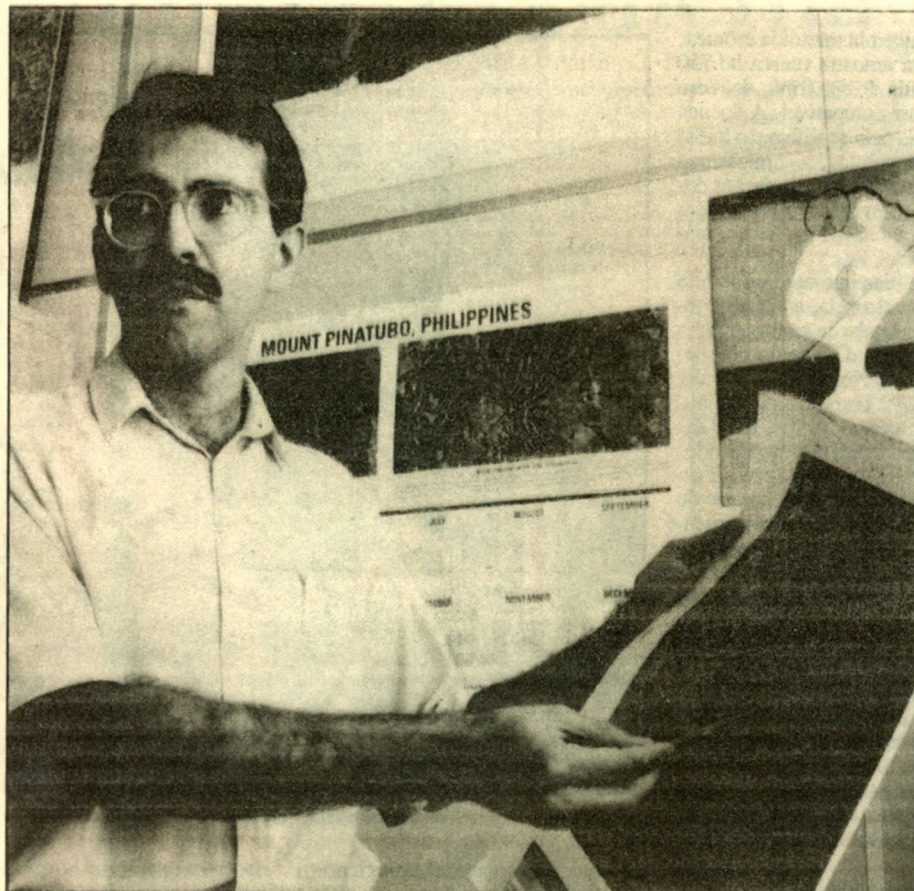
Geólogo da Unicamp identificou crateras decorrentes da queda de corpos celestes.

Um dos maiores castigos celestes que a Terra já sofreu foi a queda de um asteroide que, há mais de 65 milhões de anos, teria sido responsável pela extinção de 60% das espécies vegetais e de 90% dos animais. Essa teoria, proposta por cientistas norte-americanos na década de 80, se baseia nos vestígios de irídio (elemento químico comum nos corpos celestes) datado da mesma época da extinção dos dinossauros. O choque teria repentinamente transformado o planeta num inferno, com nuvens de poeira bloqueando a entrada da radiação solar durante semanas ou meses, produzindo o fenômeno conhecido como "efeito estufa".

Isso teria tornado impossível a sobrevivência de muitas espécies animais e vegetais, incluindo os dinossauros. Outra teoria aposta no estresse genético: quando uma espécie esgota as suas possibilidades evolutivas, sofre mutações danosas e acaba desaparecendo, o que teria ocorrido de maneira gradual.

O geólogo Álvaro Penteado Crosta, professor de sensoriamento remoto do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, sugere que pode ter havido algum desequilíbrio extraordinário, como mudanças climáticas ou geológicas globais, inviabilizando a sobrevivência dos dinossauros, assim como outras formas de vida. Álvaro é o responsável pelo mapeamento, no Brasil, da formação de seis estruturas de impacto — resultado da queda de asteroides ou cometas. Ou seja, locais que, há milhões de anos, sofreram o impacto de corpos celestes das mais variadas dimensões.

A mais importante delas é o chamado Domo de Araguinha (GO-MT), com 210



O geólogo Álvaro Penteado mostra foto de uma das crateras brasileiras.

milhões de anos (formada entre os períodos triássico e jurássico), com 40 quilômetros de diâmetro. As outras são a Serra da Cangalha (GO), possivelmente em torno de 150 milhões de anos, com 12 quilômetros de diâmetro; Riachão (MA), quase 150 milhões de anos, com quatro quilômetros de diâmetro; o Domo de Varzeão (SC), com idade provável de 60 milhões de anos, e 12 quilômetros de diâmetro; São Miguel do Tapuio (PI), entre 5 e 30 milhões de anos (período terciário),

com 20 quilômetros de diâmetro; e Colônia, localizada em Parelheiros, região da Grande São Paulo, a mais recente das estruturas de impacto brasileira, com idade presumível entre 1 e 20 milhões de anos (período terciário), com três quilômetros de diâmetro.

Estruturas de impacto — O professor Álvaro iniciou suas pesquisas com estruturas de impacto para sua tese de mestrado, que foi apresentada ao Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), de São José dos Campos, em 1982. Embora algumas dessas estruturas, já fossem conhecidas, sua origem ainda não havia sido estabelecida. "O que fiz foi, a partir do estudo de imagens de satélites, relacionar a morfologia às estruturas geológicas circulares que já haviam sido estudadas no hemisfério norte — Canadá, Estados Unidos e a então União Soviética, que tinham sua origem comprovadamente relacionada ao impacto de corpos celestes", diz ele.

O geólogo foi a campo em busca de evidências que permitissem elucidar a origem dessas estruturas circulares, principalmente a do Domo de Araguinha, a maior de todas. Ele pôde verificar que nesse caso houve um processo exógeno. Isto é, o que ocorreu com Araguinha não foi um processo causado por erupções vulcânicas ou terremoto, mas sim um fenômeno originado por fatores externos à Terra — o impacto de um corpo celeste. Calcula-se que o corpo que provocou a estrutura de Araguinha caiu na Terra a uma velocidade média de 25 a 30 quilômetros por segundo, e teria dimensões menores que 1 quilômetro.

"Todas as seis estruturas estudadas no

Brasil possuem em comum, além do fato de não terem sua origem satisfatoriamente explicada por qualquer fenômeno geológico endógeno, várias similaridades com os casos já estudados em outros países e em outros corpos do sistema solar", explica Álvaro. Todavia, ele esclarece que algumas dessas estruturas mostram feições características pouco comuns, enquanto outras carecem de estudos mais detalhados. "Principalmente no que se refere à identificação de feições de metamorfismo de impacto", diz.

Asteróides gigantes — Ainda sobre Araguinha, trata-se de uma estrutura circular de 40 quilômetros de diâmetro, instalada sobre sedimentos paleozóicos da Bacia do Paraná, entrecortada pelo Rio Araguaia. É a maior e mais conhecida estrutura de impacto brasileira e a sétima em tamanho do planeta. Os estudos de Álvaro identificaram, além das brechas, constituídas por uma mistura de rochas transformadas em vidro, grandes deformações e transformações mineralógicas, principalmente nas rochas do embasamento de granito exposto no centro da estrutura e nos fragmentos de formações de rochas sedimentares da Bacia do Paraná.

Segundo o pesquisador, essas feições — assim como a própria ocorrência de brechas contendo fragmentos de rochas preexistentes parcialmente fundidas e com feições deformadas por choque — são evidências da ocorrência de um fenômeno de impacto de corpo celeste contra a superfície da Terra. Observações astronômicas atuais indicam a existência de centenas de asteroides gigantes, com mais de 1 quilômetro de diâmetro, que ficam vagando pelo sistema solar em órbitas que interceptam as órbitas dos planetas do sistema solar, inclusive a da Terra.

"O Brasil tem, como qualquer outro país ou outro local do planeta (oceanos e continentes), as mesmas chances de receber o impacto de um asteroide. Mas provavelmente tão cedo o ser humano não vai testemunhar um fenômeno desse tipo", diz o geólogo. Estudos estatísticos recentes indicam que uma vez a cada milhão de anos a Terra recebe o impacto de asteroide capaz de formar uma estrutura de impacto ou cratera de até 1 quilômetro de diâmetro e, a cada 50 milhões de anos, um impacto que pode produzir uma cratera da ordem de dezenas de quilômetros de diâmetro.

Nos últimos meses a imprensa noticiou evidências diretas de que esses fenômenos de impacto ocorrem com relativa frequência na história do sistema solar. Em maio, por exemplo, um asteroide batizado de 1993 KA 2 passou entre a Terra e a Lua, a uma distância de 150.000 quilômetros. O asteroide tinha seis mil toneladas e passou a uma velocidade de dezenas de quilômetros por segundo. O geólogo diz que no início de julho divulgou-se que dentro de um ano, mais precisamente entre 21 e 23 de julho de 1994, um gigantesco cometa, denominado Shoemaker-Levy 9, irá colidir contra a superfície de Júpiter, produzindo uma descomunal luminosidade que poderá ser observada da Terra com telescópio. (A.R.F.)

horta's

ALMOÇO???

- Self-service (por quilo)
- Buffet tradicional e pratos típicos
- Venha curtir nossa lanchonete
- Happy hour e música ao vivo

Estacionamento próprio

Entrada de Barão Geraldo - FONE: 39-1135

Fazemos FESTAS e PROMOÇÕES.

A FUTUREKIDS é uma excitante aventura de aprendizado onde crianças de 3 a 13 anos aprendem a dominar os computadores! Com aulas de apenas 4 alunos por grupo, oferecemos um currículo que inclui hardware, teclado, desktop publishing, simulação, animação e muito mais! Experimente a MÁGICA ... GRATUITAMENTE ... Basta você ligar para 54.6406 e marcar uma aula de demonstração sem compromisso.

FUTUREKIDS®

CENTRO DE COMPUTAÇÃO PARA CRIANÇAS

Rua Dr. Sampaio Ferraz, 175
Cambuí - Campinas

BALI TUR

GAPLAN
CONSORCIO NACIONAL

VARIG

PARA ONDE VOCÊ SEMPRE SONHO VIAJAR?

AGORA VOCÊ PODE.

Com o Consórcio de Viagens VARIG.
Ideal para toda a Família e Empresas.

Central de Atendimento

Barão Geraldo - R. Horácio Leonardi, 92 - Galeria Nahas - Loja 9
Tele Fax (0192) 39-2248 - Fone: 39-1504
Centro - R. Barão de Jaguara, 1.091 - cj. 706 - Campinas
Tele Fax (0192) 33-2988 - Fone: 32-9924

Programa apóia produto tecnológico

'Bolívar' abre linhas de crédito com ajuda do BID e de bancos latino-americanos.

Encontrar novos caminhos para o desenvolvimento tecnológico na América Latina é o propósito do Programa Bolívar, uma iniciativa para a América Latina e Caribe apoiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que, desde maio passado, vem facilitando a interação entre empresas, centros de pesquisa e universidades. Basicamente, o programa visa ao desenvolvimento de novos produtos ou à melhoria de produtos já existentes, bem como de serviços industriais. Além disso, facilita a criação de *joint ventures* entre empresas, cooperações tecnológicas, transferências ou adaptações de tecnologia e a distribuição de produtos e serviços. Esta é a primeira vez em que o BID abre uma linha de crédito direta para o setor privado. O movimento total do programa chega, até o momento, a cerca de US\$ 300 milhões.

Único acadêmico membro da Comissão Nacional do Programa Bolívar, da qual também fazem parte políticos, sindicalistas e representantes de diferentes segmentos da sociedade, o reitor Carlos Vogt enfatiza que a iniciativa do BID potencializa as instituições e abre novas perspectivas. Ou seja, o programa busca, para os beneficiários (empresas, centros de pesquisa e universidades), o parceiro mais apropriado à natureza do negócio proposto, podendo ser uma universidade ou uma empresa, ou ambas conjuntamente. Além do Brasil, já aderiram Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Honduras, México, Peru, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

Liga de Bancos — O Bolívar oferece um leque de opções financeiras, nacionais e internacionais, de suporte à operação pretendida. O financiamento abrange desde a origem do projeto até sua chegada no setor mercadológico. Como estratégia de financiamento, foi criada a Liga de Bancos dos países envolvidos, que oferece aos parceiros dos pesquisadores linhas de crédito mais atraentes. Quais sejam, financiamentos com taxas preferenciais e prazos de carência adequados ao desenvolvimento do produto. No Brasil,

por exemplo, dela fazem parte o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

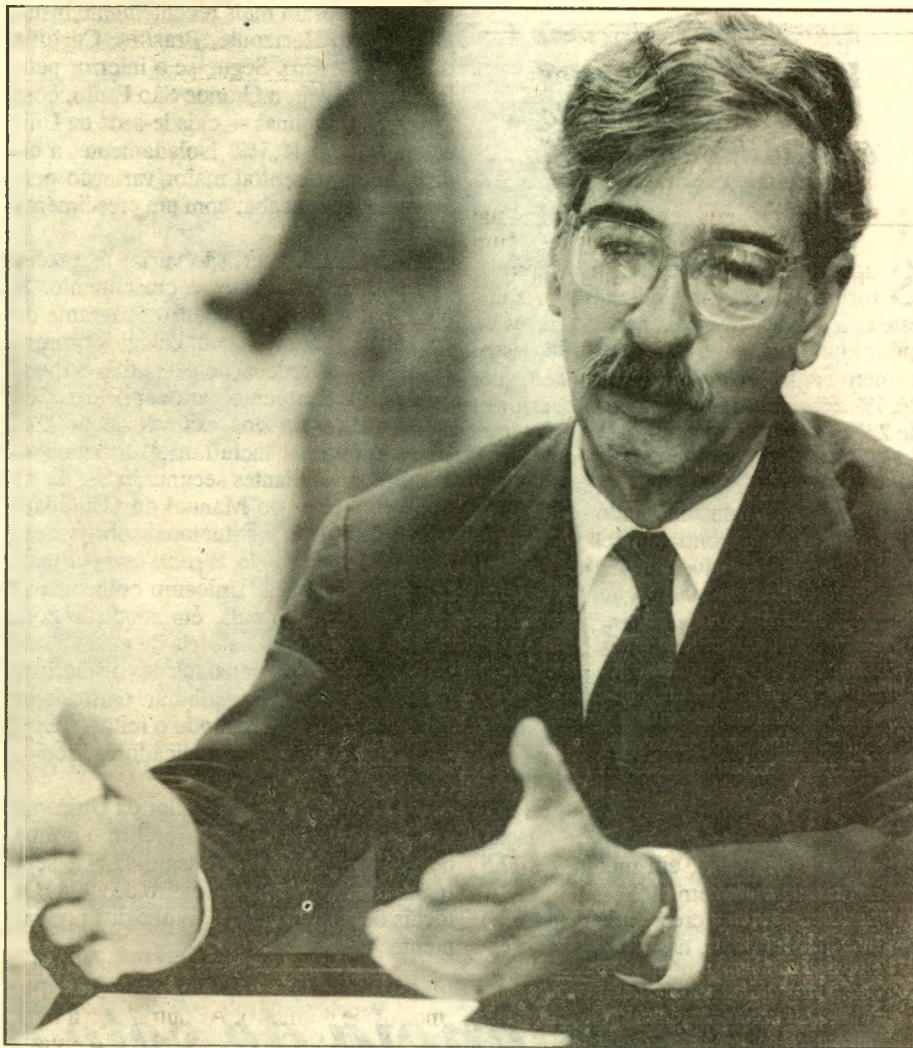
A Liga de Bancos, no entanto, atende ao solicitante da linha de crédito somente se a pesquisa apresentar potencial de mercado. É o que ressalta o consultor internacional em inovação tecnológica-industrial do Programa Bolívar, José Carlos Valladão de Mattos, professor do Instituto de Física "Gleb Wataghin" e ex-pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários na gestão anterior.

Os pesquisadores interessados em participar do programa devem preencher a Guia Para Consulta ao Programa Bolívar, na qual é preciso constar informações do proponente e dos projetos — nova tecnologia, melhoria de produto, serviço, pesquisa ou mercado externo. Também é necessário indicar as características requeridas do parceiro, o tempo necessário para a implantação do projeto no mercado e o prazo máximo para encontrar parceria.

Os projetos — Enquanto indicação ou para análise, cerca de 280 projetos foram apresentados até o mês passado à Coordenação Nacional do Programa Bolívar, sob a responsabilidade do empresário José Mindlin. Desse, aproximadamente 40 estão sendo desenvolvidos, dos quais perto de 20 são da região de Campinas. Interessada em repassar tecnologia, a Companhia de Desenvolvimento Tecnológico de Campinas (Codetec) apresentou três projetos. Um deles, para a produção de corantes naturais e de fármacos, está avaliado em US\$ 450 mil e tem como parceiros o Peru, Equador ou Bolívia.

Um projeto através do qual a Codetec se propõe a organizar a produção de óleos essenciais e inseticidas naturais do Amazonas, em trabalho conjunto com a Unicamp, a Universidade Federal do Pará e o Instituto Goethe, está estimado em US\$ 6,8 milhões e tem como parceiros preferenciais a Venezuela e países vizinhos. Outro exemplo é a empresa Baumer Ortopedia de Mogi Mirim, que busca parceria com o México, Chile ou Argentina para o desenvolvimento de projetos de órtese avaliados em US\$ 1,1 milhão.

Captação de recursos — Vários são os exemplos de tecnologias apresentadas. Uma cola de fibrina desenvolvida por pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Botucatu também foi proposta e



O professor Valladão de Mattos, consultor do Programa Bolívar no Brasil.

envolve o montante de US\$ 500 mil, tendo como parceiros preferenciais o México, Chile e Argentina. Outro projeto envolvendo a Unicamp, na área de engenharia de petróleo, está em fase de formulação e se refere à análise de rochas e potencial de reservatórios.

Valladão diz que a expectativa dos responsáveis pelo Bolívar é que a Unicamp possa liderar a captação de recursos, justamente pela sua capacidade de gerar pesquisas com potencial tecnológico, que permite a interação com o setor empresarial. Nesse sentido, o reitor Carlos Vogt lembra um detalhe importante: "O Programa Bolívar é um canal novo que

agiliza o financiamento, sem esbarrar em decisões governamentais que podem demorar anos".

Aberto a todas as instituições de ensino e pesquisa interessadas e tendo o BID como agente segurador dos projetos, o Programa Bolívar prevê uma inadimplência inferior a 1%. Segundo Valladão, a garantia de empréstimo abrange até a constituição de novas empresas. "O programa é uma oportunidade muito grande, uma vez que o setor tecnológico brasileiro tem uma série de projetos em prateleiras à disposição do setor empresarial", diz o consultor. (C.P.)

CT da Unicamp testa escapamentos nacionais

Centro de Tecnologia homologa qualidade de produtos para indústria e governo.

Em média, são atendidas dez solicitações de serviço por mês, englobando a execução de laudos e perícias para atendimento de exigências da Cacex, Receita Federal e empresas particulares, além de vistoriar veículos e equipamentos. Para o Departamento de Normalização e Inspeção (DNI) do Centro de Tecnologia (CT) da Unicamp, essa tarefa já é rotina, desde que foi criado em abril de 1991.

Recentemente o DNI fez uma série de testes para medir o índice de ruídos emitidos pelos escapamentos utilizados nos carros nacionais. Foi o serviço de maior volume e complexidade. "Embora não em termos de volume de dinheiro", ressalta o engenheiro Alexandre Benedito Novaes, chefe do Departamento. O pedido para a realização do teste partiu da revista *Autoesport* à Universidade, que contou com a colaboração, não remunerada, do DNI. Isso por considerá-lo "órgão de competência reconhecida" para realizar a parte operacional da avaliação. Todavia, as atribuições do DNI ultrapassam esses limites: além da homologação de veículos transformados, importados, reboques e semi-reboques e a instituição das respectivas fábricas, o DNI também está credenciado pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) para certificar veículos e oficinas de instalação de sistema de Gás Combustível Comprimido (GCC). O credenciamento, por solicitação da Cacex, estende-se ainda para todo e qualquer produto importado — carros, máquinas, perfumes, enlatados, equipamentos e instrumentos etc. "Nenhum produto pode entrar no país sem antes ter o certificado de homologação de um órgão competente, que pode

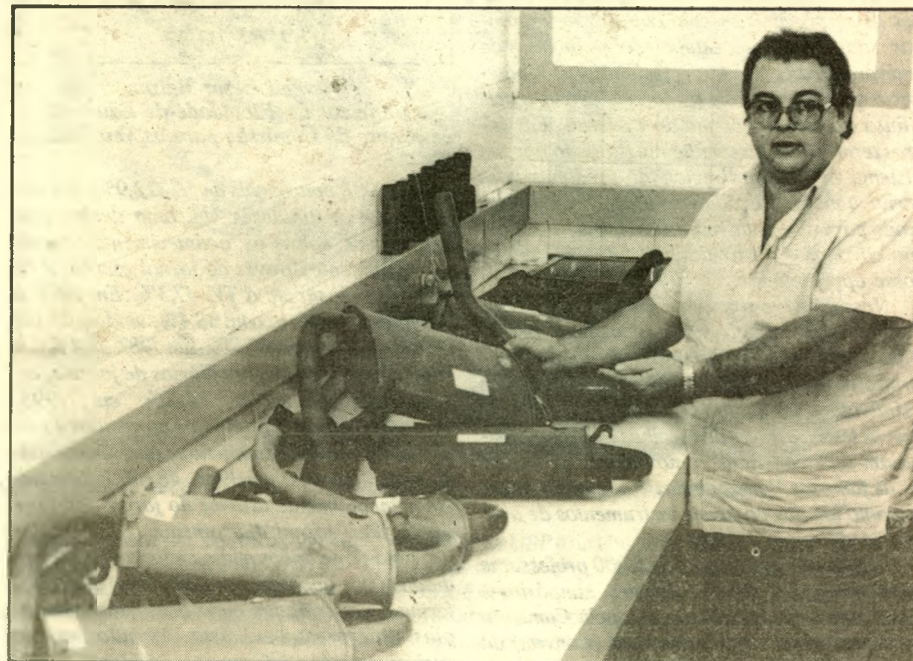
ser o DNI ou qualquer outro", explica Alexandre.

Na montagem de uma indústria metalúrgica, por exemplo, para conceder a homologação de funcionamento, o DNI checa desde a infraestrutura, condição das instalações do prédio, equipamento, pessoal, até o processo de qualidade do produto depois de acabado. "No caso de clientes particulares, dependendo do serviço a ser feito, o DNI tanto pode realizá-lo como apenas sugerir o que deverá ser feito. Vai depender dele fazer ou não", diz Alexandre.

Os testes — O DNI foi responsável pelos testes em nove tipos de escapamentos de fabricação nacional em um Gol CL 1.6 zero-quilômetro, a gasolina, com catalisador, cedido pela Autolatina. Depois de concluídos, os testes demonstraram que o carro estava praticamente preparado para atender à resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) que determina a redução de ruídos pelos escapamentos. Os equipamentos testados pelo DNI foram o Cofap/Arvin original; Autolatina-VW; Eme Ege M (De Maio Gallo) original; Kadron K 1634 original; Kadron K-848/K-708 opcional (esportivo); Mastra original; Sicap S-231 original; Vanzin original e Wiest 61-B original. Os testes objetivavam mostrar quais os equipamentos apresentariam os melhores resultados, como espessura da chapa, o vão livre sob o veículo e o nível de corrosão.

De acordo com Alexandre, o índice médio de ruídos emitidos pelo carro — variando de um equipamento para outro —, em terceira marcha, foi de 74,5 decibéis (dB), abaixo dos 77 dB determinados pelo órgão como teto máximo. Em segunda marcha, no entanto, o veículo apresentou ruídos acima da tabela do Conama, atingindo os 80 dB.

Alexandre diz que os testes executados foram reconhecidos pelo Inmetro, que lhe dão caráter oficial. Os estudos realizados pela equipe do engenheiro do DNI demonstraram diferenças consideráveis na qualidade de um escapamento para outro, especialmente no que se re-



O engenheiro Alexandre, chefe do Departamento de Normalização e Inspeção do CT.

fere ao ruído interno. No entanto, externamente, eles praticamente se equiparam. A análise mostrou que, parado e com o motor em funcionamento, o som do carro equipado com o escapamento EME EGE, M - 265E, chegou a 66 dB, apresentando o melhor resultado entre os equipamentos testados. Os que apresentaram maior índice de barulho foram os Kadrons K-708 e K-848 (opcional) e o K-1634 (original) que chegaram, respectivamente, à marca no decibelímetro de 79 e 77 dB. Esses dois Kadrons foram também os recordistas em barulho, mesmo com o veículo em movimento, chegaram a 79 dB acima das normas determinadas pelo Conama. O que não quer dizer que esses escapamentos tenham sido reprovados. De acordo com

Alexandre, existe uma dúvida quanto ao método mais eficaz de medição de ruídos. A Resolução do Conama, por isso mesmo, deixa dúvidas ao se referir em que marcha — segunda ou terceira — os testes devem ser feitos. No caso do DNI as medições foram feitas em terceira marcha. Alexandre acredita, porém, que a variação média pode ser de 1 dB a 7 dB para mais. A partir de 1994, o Conama prevê a adaptação dos escapamentos para o limite de 77 dB em 20% da frota nacional. Para 96, a previsão é de que 50% dos carros devam ser adaptados e até 98, 100% dos veículos nacionais devam estar de acordo com as normas do Conama. (A.R.F.)

Vestibular-94 supera expectativas

Inscritos passam dos 44 mil e crescimento é de 26,4% em relação ao ano anterior.

Superando todas as expectativas do reitor Carlos Vogt, a Unicamp totalizou, este ano, 44.024 inscritos para o seu vestibular que visa ao ano letivo de 1994. Esse número representa um crescimento de 26,4% em relação ao vestibular anterior e de 232% se comparado a 1987, ano em que a Unicamp implantou o seu vestibular próprio e pôs abaixo o sistema de testes de múltipla escolha, introduzindo os exames dissertativos, com impacto nos vestibulares das principais universidades brasileiras.

Para disputar as 1.990 vagas oferecidas para o próximo ano, acorreram candidatos das mais diferentes regiões do país, o que dá aos exames de acesso da Unicamp um caráter de "vestibular nacional". A própria Unicamp adotou há anos uma filosofia de descentralização que resultou na instalação de postos de inscrição em cinco capitais e em 12 cidades do interior de São Paulo. Com esse crescimento, a relação candidato/vaga passa, em média, de 17,5 em 1993 para 22,1 em 1994.

A maior taxa de crescimento (44,6%) deu-se, precisamente, nas capitais onde es-

ses postos foram mais recentemente instalados: Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Rio de Janeiro. Segue-se o interior paulista, com 32%, a Grande São Paulo, com 26,6%, e Campinas — cidade-sede da Unicamp — com 14,3%. Isoladamente, a cidade que apresentou maior variação percentual foi Sorocaba, com um crescimento de 53,5%.

Para Carlos Vogt, são várias as razões que podem explicar esse crescimento. A principal delas foi o intenso programa de encontros e reuniões com colégios promovidos pela coordenação executiva do vestibular, precisamente para explicar e discutir a filosofia dos exames de acesso. Esses encontros incluíram a distribuição gratuita, a estudantes secundaristas, de 85 mil exemplares do Manual do Candidato e de uma revista institucional sobre o vestibular, a *Revista do Vestibulando*. Finalmente, este ano, a Unicamp colocou nas bancas de todo o país, em coedição com a Editora Globo, uma série de guias fasciculados sobre os conteúdos das disciplinas abrangidas por seu vestibular. Outro fator a ser considerado, segundo o reitor, é a relativa melhoria dos indicadores socio-econômicos do país.

O calendário do vestibular da Unicamp prevê para o dia 28 de novembro o exame de sua primeira fase. A segunda fase será realizada de 16 a 19 de janeiro de 1994. Os locais de exames serão divulgados previamente. (E.G)

Crescimento percentual das inscrições por regiões

REGIÕES	1993	1994	VARIAÇÃO PERCENTUAL
CAMPINAS	9.560	10.931	14,3
GRANDE SÃO PAULO	11.769	14.941	26,6
SÃO PAULO - INTERIOR	10.936	14.437	32,0
CAPITAIS			
(BELO HORIZONTE, BRASÍLIA, CURITIBA, RIO DE JANEIRO)	2.570	3.715	44,6
TOTAL	34.835	44.024	26,4
Número de Vagas	1.990	1.990	ZERO
Relação Cand./Vaga	17,5	22,1	26,4

A partir do vestibular de 94 a Unicamp passou a realizar inscrições e provas em Presidente Prudente e Belo Horizonte.

Experiência de sete anos explica o sucesso

Newton Cesar Balzan

Desde o momento em que pela primeira vez a Unicamp realizou seus próprios vestibulares, 219.275 estudantes passaram pela experiência de um sistema inovador de seleção ao ensino superior. Neste ano, com algumas exceções, praticamente toda a população matriculada na graduação da Unicamp foi selecionada mediante os novos exames, uma vez que nos cursos de mais longa duração — medicina e uma das habilitações em música — os ingressantes de 1987 já terão concluído seus cursos em 1992. Os 29 cursos oferecidos em 1987, passaram a 41 em 1993, 14 dos quais em período noturno.

Qual o saldo resultante deste processo?

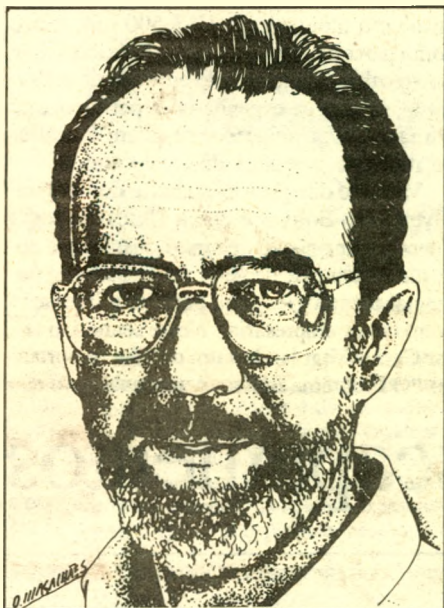
Convém lembrar que ao propormos o novo modelo pretendíamos selecionar alunos cujo perfil correspondesse àquele considerado adequado à Universidade, isto é, estudantes capazes de se exprimirem com clareza, de organizar suas idéias, de estabelecer relações, de interpretar dados e fatos, de elaborar hipóteses e que dominassem os conteúdos das disciplinas do núcleo comum do 2º Grau. Em outros termos, um jovem não massificado por um sistema de ensino direcionado predominantemente à memorização de conhecimentos, adestrado para assinalar respostas consideradas como corretas a partir de uma relação que lhe fosse apresentada.

Nossa meta era muito mais ampla, porém. Pretendíamos atingir o ensino médio e mesmo o fundamental, colaborando para libertar seus professores de tarefas repetitivas, destituídas de criatividade, às quais se viram atrelados desde que os testes, através de escolhas múltiplas, passaram a se constituir como método de ensino — as famosas "cruzadinhas" — e não somente como um dos possíveis instrumentos de avaliação da aprendizagem.

Nestes sete anos, mais de 5.000 professores participaram de cursos, debates, simpósios e assistiram palestras promovidas pela Comissão Permanente para os Vestibulares (Convest) da Unicamp familiarizando-se com as provas de redação, com as questões específicas da primeira e da segunda fases, bem como com os critérios utilizados nas correções.

Através de um trabalho acadêmico totalmente aberto ao público, estudantes, professores do ensino médio e de cursinhos, coordenadores pedagógicos e pais de estudantes puderam conhecer o Vestibular-Unicamp, desde sua filosofia até o processo de classificação final dos aprovados. Por isso, a Convest passou a se constituir como um exemplo notável de trabalho acadêmico científico, onde as "regras do jogo" são claramente expostas. Nada é escondido do público, inclusive as dezenas de trabalhos resultantes de pesquisas sobre os vestibulares.

Teríamos atingido as metas pretendidas? O que estaria faltando?



Newton Cesar Balzan é professor da Faculdade de Educação e membro da Comissão para os Vestibulares.

Em 1987, pouco mais de 1/5 (22,9%) dos inscritos nos vestibulares Unicamp declaravam informar-se sobre os acontecimentos atuais principalmente através do jornal escrito. A liderança ficava com a TV: 47,3%. Em 1993, o jornal escrito lidera com 38,4%, vindo a TV em segundo lugar, com 35,8%. Em 1987, 28,4% dos candidatos eram leitores diários de jornais, índice que passa a 34,2% em 1993. Considerando-se o grupo dos aprovados e matriculados, esses percentuais se apresentam ainda mais elevados: em 1993, 48,6% informam-se principalmente através do jornal escrito e 41,5% lêem jornal diariamente.

Trata-se de dados muito importantes, na medida em que apontam para um aluno que se informa a partir de um meio que permite múltiplas interpretações, isto é, não sujeito exclusivamente a informações já decodificadas pelo mercado televisivo.

Nosso estudante, embora voltado para atividades esportivas — felizmente! — ocupa seu tempo livre principalmente com atividades artísticas e culturais com destaque à leitura (42,3%) e à música (24,6%). Esses percentuais, referentes a 1993, mantêm-se praticamente estáveis ao longo deste período.

É um estudante que valoriza a universidade em que pretende estudar, tendo altas expectativas em relação à mesma: 3/4 dos ingressantes optaram pela Unicamp "por ser instituição que oferece o melhor curso de minha escolha"; "pelo conceito de que desfrua como universidade"; "pela riqueza cultural de sua vida universitária" e "pela possibilidade de acesso a uma carreira científica".

É um jovem cada vez mais alfabetizado, num sentido amplo do termo, uma vez que tende a dominar, já ao se candidatar aos vestibulares, a linguagem da informática: 1/3 dos ingressantes de 1993 utilizavam-se de microcomputadores para diversos fins: processador de textos, software para aplicação especializada etc..

Se tudo indica que estamos conseguindo dar nossa mensagem ao ensino médio e talvez até mesmo à educação brasileira de modo geral, os resultados dos vestibulares vêm pressionando, de modo saudável, numa outra direção: a tomada de consciência por parte do próprio corpo docente da Universidade de que os cursos já não podem ser desenvolvidos nos moldes como tradicionalmente vinham sendo. A conscientização de que este "novo aluno", cujo perfil já se aproxima do ideal almejado, requer um ensino universitário de alto nível, onde haja lugar para a construção de conhecimentos já na graduação, onde o binômio ensino-pesquisa seja uma realidade. Por isso, ao propor que 1993 fosse considerado como o "Ano da Graduação", dando prioridade à qualidade do ensino, certamente a Reitoria terá se utilizado, além de outras informações, dos dados fornecidos pela Convest.

Evidentemente, ainda não atingimos o ideal. Dos 41 cursos oferecidos neste ano, em apenas 18 deles (43,9%) a média dos ingressantes em 1993 foi maior que 5,0, índice que indica o nível a partir do qual o aluno seria considerado adequado à Universidade. No entanto, é importante observar que este percentual vem crescendo continuamente: apenas 15,2% em 1987, quando se fez os primeiros vestibulares-Unicamp; 25,8% dos cursos em 1990; 34,3% em 1991.

O processo de seleção adotado, por mais inovador e melhor cuidado que seja, tem suas limitações definidas pelas condições sociais, políticas e econômicas do país.

Nosso estudante provém, em sua maioria, de famílias com rendas mensais acima de 10 salários mínimos; procede principalmente de escolas particulares; tem pais com altos níveis de escolaridade. No entanto, o processo de seleção não exclui o estudante de escola pública, nem a população de baixa renda, nem tão pouco o jovem cujos pais têm baixos níveis de escolaridade.

Se os inscritos aos vestibulares Unicamp-93 pertencentes a famílias com renda mensal abaixo de 10 salários mínimos eram apenas 41,8%, eles passaram a representar 43,5% dos aprovados e matriculados.

Embora os concluintes de escola pública de 2º Grau representem hoje apenas 1/3 dos ingressantes, as relações entre inscritos e matriculados deixam claro que estes exames não os penalizam. Em 1993, 31,6% dos inscritos vinham da escola pública. Sua representação cresce para 36,2% quando se considera o conjunto dos matriculados. Os estudantes oriundos da escola particular, correspondentes a

66,7% dos inscritos, passaram a representar 62,5% dos matriculados. Mesmo nos cursos mais procurados, onde a classificação se faz a partir de médias mais altas que nos demais, o ex-aluno de escola pública está presente: em 1993, 24,4% dos ingressantes em engenharia da computação e 21,9% dos ingressantes em engenharia elétrica, ambos diurnos, haviam cursado essa escola.

Da mesma forma, longe de excluírem o jovem que não fez cursinho, os dados não confirmam que o fato de tê-lo feito, se relaciona positivamente com o ingresso na Unicamp. Assim, enquanto 53,1% dos inscritos e 54,4% dos matriculados em 1993 haviam feito cursinho, 46% dos inscritos e 44,7% dos matriculados não haviam realizado este tipo de preparação.

Mais da metade dos pais de nossos estudantes tem escolaridade superior e menos de 1/5 tem somente até o antigo curso primário. Pais com baixa escolaridade não encontram, porém, nos vestibulares-Unicamp, um fator de exclusão de seus filhos como ingressantes nesta Universidade: os 18,8% de inscritos em 1993 cujos pais tinham até primário completo, passaram a representar 19,2% dos matriculados.

A procura por cursos que conduzem ao magistério fundamental e médio tem tido, em geral, baixa demanda. O aumento da procura por cursos das áreas da saúde e tecnologia, por exemplo, não encontra paralelo nas licenciaturas, fenômeno que guarda fortes semelhanças com o que ocorre na USP, e na Puccamp. Associada à demanda, tem-se diferenças quanto à preparação por ocasião do ingresso na Universidade: médias mais altas em todas as disciplinas concentram-se em cursos que conduzem às profissões hoje mais cotadas no mercado de trabalho, excluído, portanto os "futuros formadores de cérebros" que, potencialmente, seriam os candidatos aos cursos que conduzem ao magistério. Para se ter uma idéia do que isto significa, basta lembrar que a nota final do aluno que ingressou neste ano em último lugar num dos cursos de maior demanda, está 20 pontos acima do aluno que ingressou em 1º lugar num dos cursos que formará educadores.

Através de gerenciamento moderno, caracterizado por uma administração descentralizada e participativa, os membros da Câmara Deliberativa da Convest trabalharam em agosto a partir do considerável acervo de informações já disponíveis, de modo a aprimorar cada vez mais o processo em vigor. Esses membros representam cada um dos cursos de graduação da Unicamp, a Reitoria da Universidade, a Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), o Sindicato dos Professores de Campinas (Sinpro), a Coordenação de Estudos e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo (Cenp) e os dois colégios pertencentes à Unicamp.

Certamente a educação brasileira vem tendo saldos positivos a partir deste trabalho.

O difícil momento da escolha

Principal fator na escolha da profissão ainda é a realização pessoal, diz pesquisa.

Atualmente, milhares de jovens na faixa dos 17 aos 20 anos enfrentam os exames de acesso às universidades de todo o país. É o momento em que, recém-saídos da adolescência, são obrigados a escolher uma profissão de nível superior para ingressar, mais tarde, no competitivo e escasso mercado de trabalho. A escolha profissional nem sempre é, no entanto, precedida de um conhecimento vocacional adequado e das características inerentes ao exercício profissional. O resultado é um alto índice de evasão, mudanças de cursos e insatisfação pessoal.

Para saber os fatores que determinam a escolha profissional dos vestibulandos, a professora Maria Inez Masaro Alves, orientadora vocacional do Colégio Salesiano São José — Etec, de Campinas, realizou uma pesquisa envolvendo 4.033 alunos terceiranistas dos cursos colegiais de escolas públicas, particulares e de cursos pré-vestibulares da cidade. O trabalho, intitulado "O vestibular e a escolha profissional", foi o tema de sua tese de mestrado, recentemente defendida na área de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp.

O resultado surpreendeu. Apesar da crescente preocupação com a absorção no mercado de trabalho, o fator principal na escolha profissional ainda é a realização pessoal. Dos estudantes pesquisados, 2.782 inscreveram-se no vestibular de 1992. Desses, 65,49% definiram a primeira opção pela expectativa de realização profissional. Os aspectos financeiros ficaram em segundo lugar, conforme a opinião de 18,30% dos candidatos.

A difícil escolha — No Brasil, o ingresso numa universidade era inicialmente buscado apenas pelo jovem da classe média. Com a cria-

ção dos cursos noturnos, transformou-se também numa aspiração das classes menos favorecidas que vêem no diploma universitário maiores chances na disputa por um lugar no mercado. O sonho de frequentar os bancos da academia é, no entanto, precedido de muitas dúvidas na decisão inadiável da escolha profissional. Nesse período, segundo a pesquisadora, a angústia da escolha acertada e a ansiedade do ingresso numa universidade faz parte do cotidiano dos jovens.

O trabalho de aconselhamento vocacional é considerado pela professora Maria Inez como fator redutor da escolha inadequada. Isto porque nem sempre a opção do candidato corresponde a suas reais aptidões. A imaturidade natural nessa fase de pós-adolescência é também elemento de peso no momento da decisão. Segundo ela, a opção acertada não pode ser feita sob a pressão dos períodos de inscrição nas instituições de ensino superior, mas "decorrente de todo um processo que vai aos poucos se cristalizando".

Uma das dificuldades inerentes à escolha profissional apontada pela pesquisadora é a falta de referencial dos adolescentes que não têm mais a célula familiar como ponto de apoio. "Além disso, os valores estão muito confusos. Os pais não querem mais interferir na escolha dos filhos. Tudo isso, somado à ansiedade dos jovens em agradar os pais, em escolher uma profissão com perspectiva de colocação no mercado de trabalho, além da necessidade de satisfação pessoal, torna o processo ainda mais doloroso, explica Maria Inez, para quem os jovens estão "sedentos de saber quais são os valores confiáveis".

Aconselhamento — A prática de orientação educacional era comum no ensino público nas décadas de 60 e 70. Entretanto, aos poucos, a figura do orientador foi desaparecendo das escolas, em prejuízo dos alunos. A importância de seu papel é, contudo, ressaltada pela pesquisadora. Ela acha, que a orientação vocacional não pode se limitar a uma bateria de testes psicológicos que podem "enviesar o resultado".

Para que o trabalho de orientação vocacional seja mais eficiente, Maria Inez acredita que



Maria Inez: "Jovens estão ávidos por saber quais são os valores confiáveis."

se deve reunir a experiência do psicólogo com a do pedagogo especializado na área. Sua atuação torna-se, porém, cada vez mais complexa face às necessidades do mundo moderno com exigências de profissionais especialistas e ao mesmo tempo com uma visão de conjunto e habilidades múltiplas.

"Geralmente as escolhas dos indivíduos ocorrem influenciadas pela estrutura social passada, tendo em vista o desempenho dos profissionais já conhecidos, ao passo que as oportunidades profissionais para quem escolheu, isto é, seu efetivo ingresso no mercado, se dá na estrutura presente. Desta forma, a constante mobilidade do mercado pode frustrar escolhas feitas num mercado já superado ou em recessão", constata.

Tendo em vista essa realidade, a pesquisadora destaca a importância de uma formação mais ampla do pedagogo com função de aconselhamento vocacional. Conhecimentos de sociologia, economia e psicologia são indispensáveis para o desempenho pleno de sua tarefa de orientar o jovem na escolha profissional.

Embora tenha feito o recorte de sua pesquisa com alunos do terceiro ano de colegial, Maria Inez acha que o processo de orientação deve se dar durante todo o período escolar, intensificando-se nas últimas séries do primeiro grau, quando se pode começar a fazer um "inventário de interesses". A partir daí, as reais aptidões vão aos poucos aflorando, dando maior segurança ao estudante para sua futura escolha profissional. (G.C.)

Questão vocacional preocupa vestibulandos

Para dissipar dúvidas, 9 mil secundaristas vieram ver a Unicamp de perto em setembro.

Visitar os laboratórios de pesquisa de uma universidade e tomar contato com a vida do campus são formas de se conhecer o perfil das profissões. Esse procedimento ajuda os vestibulandos a fazer suas escolhas mais acertadamente. Não são raros os casos em que estudantes do terceiro colegial terminam mudando a opção da carreira ao verem *in loco* como se dá o processo de formação dos alunos e até mesmo seu exercício profissional.

Para ajudar os candidatos aos exames de acesso à Unicamp na sua escolha profissional, a Pró-Reitoria de Graduação, através da Comissão Permanente para os Vestibulares (Convest), realiza, desde o ano passado, o programa "Seu colégio na Unicamp". Este ano, cerca de 9.000 estudantes do segundo grau de 119 escolas de diferentes estados brasileiros visitaram a instituição nos dias 27/08 e 10/09.

Divididos em grupos sob o comando de 300 monitores de áreas diversas, os candidatos ao vestibular da Unicamp tiveram um dia recheado de palestras e interagiram com o ambiente universitário. Alguns reforçaram a ideia de sua opção original, outros a mudaram completamente. Influenciados ou não pelos pais e amigos, ou ainda pela perspectiva de mercado de trabalho, pouco seguros e não raro pressionados pela necessidade de decidir a qualquer custo, os jovens circulavam pelos campus da Universidade em busca de maior segurança na escolha da profissão futura.

Amostra — Nos estandes montados no ginásio da Unicamp, os candidatos ao vestibular-94 da Universidade tiveram uma amostra do conteúdo dos cursos das áreas biomédica e biológica. Como os painéis e os monitores evidenciavam o lado prático de cada área, muitos aproveitaram o momento para pequenas "consultas".

Os estandes campeões de interesse dos estudantes foram, não por acaso, os de moléstias infecciosas, onde a Aids era a principal preocupação; o de ginecologia, com orientação dos vários métodos anticoncepcionais disponíveis no mercado, e o de oftalmologia, onde as dúvidas so-

bre o uso de lentes de contato podiam ser ali dissipadas.

Fora o lado prático das profissões oferecidas pela instituição, formaram-se longas filas para se ver as peças patológicas dispostas em aquários de demonstração. Aproveitando o interesse dos estudantes, os monitores transmitiram mensagens educativas ao mostrarem, por exemplo, a deterioração de um pulmão pelo uso de cigarro e as cardiopatias que poderiam ser evitadas.

Paralelamente aos estandes da área de saúde, alunos de pós-graduação dos cursos de música e de artes cênicas do Instituto de Artes realizavam concertos e apresentações que mobilizaram não só os interessados nesses cursos mas também os nas demais áreas.

Nas tecnológicas, os cursos de Engenharia de Computação e o de Alimentos foram os mais procurados. Na FEA os estudantes puderam provar alguns dos alimentos ali produzidos, o que se constituiu numa atração à parte. Causou sensação o cachorro-quente preparado com salsicha desenvolvida pelos pesquisadores da área de alimentos.

A profissão — Normalmente descontraídos e alegres, na hora de falar sobre a opção profissional os estudantes assumiram um ar de seriedade, deixando claro a sua preocupação do momento. De uma maneira geral, a influência dos pais já não conta tanto como no passado. A relação mais liberal entre pais e filhos, comum nos tempos atuais, deixa o estudante mais livre para decidir sobre o seu futuro profissional. Isso não torna, no entanto, a decisão menos difícil.

O curso de medicina, o mais procurado da Unicamp, com uma relação candidato-vaga que se aproxima de 100/1, continua seduzindo os jovens. A possibilidade de salvar a vida de uma pessoa e o caráter social da profissão determinam muitas vezes a escolha por essa carreira. Este é o caso de Clélis Camargo, 17 anos, aluna do Colégio Pio XII de Campinas. Ela conta que sempre pensou em cursar medicina. Sua visita à Unicamp só fez amadurecer a escolha. Márcia Ribeiro, 17, aluna do Colégio Objetivo de Franca, quer ser pediatra. Sua visão da medicina é bem crítica. Acha que tem muito médico "açougueiro e preocupado apenas com o dinheiro". Ainda assim, considera a profissão sua grande vocação. Já Ana Carolina, 17 anos, também de Franca, havia se decidido por publicidade e esteve na Unicamp para acompanhar as amigas. Ao conhecer o potencial de trabalho do médico, "apaixonou-se" pela profissão e resolveu mudar de área. Vai prestar vestibular para medicina.



Grupo de alunos secundaristas em visita ao campus da Unicamp, em setembro.

Silas Eduardo Constantino, de Muzambinho, cidade do Sul de Minas próxima a Poços de Caldas, tem apenas 16 anos e cursa o primeiro colegial. Embora ainda tenha que esperar pelo menos dois anos para fazer o exame vestibular, aproveitou a oportunidade para conhecer a Unicamp. Disse que sempre foi muito curioso. Sua decisão pela carreira médica já está definida desde a 7ª série. Considera a visita à Universidade um incentivo a mais na sua escolha. "Ver as coisas de perto dá mais confiança", afirmou.

A dúvida na escolha da profissão sempre foi uma constante na vida de Isabelita David, 17 anos, aluna do 3º colegial em Valinhos. Ela acha muito difícil fazer a escolha certa. "Inicialmente eu queria fazer desenho. Ano passado, ao visitar a Unicamp com um grupo da medicina, fiquei fascinada com a profissão. Mas agora acho que vou fazer teatro, profissão de que sempre gostei muito. Sei que o mercado de trabalho na área é difícil. Quando disse para minha mãe que havia trocado a medicina pelo teatro, ela quase teve um ataque. Agora já conto com seu apoio". Sua segunda opção será educação física. Pretende prestar o

vestibular na USP e na Unicamp. Se passar, prefere ficar na Unicamp. "A maioria fala que a faculdade é muito boa. A Unicamp tem nome e na hora de arrumar emprego isso pesa muito", conta Isabelita, para quem todos os colégios deveriam dar orientação vocacional.

Rodrigo Gavassi, 17 anos, aluno do 3º colegial da Escola Técnica de Indaiatuba (Fiec), conheceu a Unicamp em 1988 durante a Universidade Aberta ao Público (UAP), quando ainda cursava a 7ª série. Embora faça processamento de dados e use computador desde os 14 anos, decidiu mudar completamente de área. Toca violão há cinco anos e contrabaixo há três. Participa de uma banda da qual é o vocalista. Entrar para o curso de música da Universidade é o seu grande sonho. Seu companheiro de curso técnico e também de banda, Rubens Antonio Quadros Jr., 17 anos, toca bateria e faz musculação. Quer entrar para educação física. Acha que através do esporte pode ajudar as pessoas a entrar em harmonia com o corpo. Os dois acham importante fazer um curso universitário porque "o diploma de nível superior ajuda muito. Se for da Unicamp, melhor ainda", garantem. (G.C.)

Escravas usavam 'jogo da sedução'

Pesquisadora rastreia processo de compra da liberdade por mulheres negras em Campinas.

N a segunda metade do século passado, quando Campinas começava a ganhar estrutura urbana e a cana-de-açúcar constituía sua principal atividade econômica, os senhores de escravos, em sua maioria, relutavam em dar estatuto humano aos negros. Respalavam-se na antiga legislação romana e no direito português para considerá-los "coisas". A idéia da liberdade, no entanto, seduzia cada vez mais os escravos, que não mediam esforços para conquistá-la. É o que evidenciam os documentos do Arquivo Cartorial do Fórum de Campinas, que, remontando ao ano de 1810, encontram-se hoje no Centro de Memória Unicamp (CMU). Nos últimos dois anos, esses documentos foram literalmente devassados pela historiadora Lúcia Helena Oliveira Silva, em seu trabalho de mestrado sobre "As estratégias de sedução: mulheres escravas apreendendo a liberdade (1850-1888)".

Graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, recentemente Lúcia apresentou seu trabalho junto ao Departamento de História da Educação, da Faculdade de Educação da Unicamp, orientada pela historiadora Olinda Maria Noronha. Compreendendo o período referente à primeira lei (oficialmente respeitada) que proibia o tráfico de homens e mulheres escravos (1850) até a Abolição (1888), a pesquisa consistiu de um rastreamento nos processos de liberdade pelos quais os negros deixavam de ser escravos.

Para sua surpresa, logo de início Lúcia constatou que as mulheres eram a maioria daqueles que conseguiam comprar sua liberdade, não raro pagando mais do que os homens. Afinal, elas incluíam no processo o valor de seus filhos e também pagavam por outras atividades que soubessem desempenhar. Pela tabela de 1885, o homem negro valia de 800 a mil réis e a mulher de 600 a 800 réis. Na década de 60, quando o café apresentava preço elevado, o homem chegava a ser avaliado em até 2.100 réis (quando era mão-de-obra especializada), sendo que o preço da mulher negra podia ficar entre 800 e 1.500 réis.

Nas décadas de 60 e 70, houve grande fluxo de escravos entrando com ações para pagar pela liberdade, mas a grande maioria requereu o fim da escravidão já próximo da abolição da escravatura — na década de 80. O dinheiro para comprar a liberdade era conseguido trabalhando-se nos dias de folga e nos feriados. As mulheres como empregadas domésticas, cozinheiras ou vendedoras ambulantes, enquanto os homens eram encontrados no campo — a partir de 1850, na lavoura de café — como ferreiros, aprendizes de alfaiate ou carregadores. Como fruto do trabalho remunerado, conseguiam deixar até mesmo casa em testamento, revela a historiadora.

A sedução — Dinheiro na mão, entretanto, não significava garantia de liberdade. Era necessário que o advogado representasse o escravo perante a Justiça e o processo tinha que ser gratuito, isso numa época em que a palavra falada valia muito. Assim, algumas estratégias começaram a ser articuladas, as quais a pesquisadora considera artimanhas de sedução. "Ao contrário do que a história passa, os escravos não eram tão vítimas nem tão heróis", explica Lúcia.

Entre essas estratégias, ela constatou nos registros históricos do Centro de Memória que



Lúcia Helena: liberdade das mulheres escravas não raro custava mais caro.

as escravas emprestavam dinheiro para comprar a liberdade mediante o comprometimento de trabalharem para saldar a dívida depois de libertas. Porém, como tática para baratear o próprio custo, havia aquelas que se fingiam de doentes ou até mesmo de loucas, enquanto outras davam de mancar. Concluído o processo, voltavam a agir como pessoas normais.

Escravas clandestinas — Aprovadas em 1825 e 1831, duas outras leis anteriores haviam proibido o tráfico de negros escravos, mas não lograram ser respeitadas. Fato que evidencia seu não-cumprimento são os registros de três mulheres negras que requereram a liberdade com base na lei de 1850. Segundo Lúcia, essa também foi uma estratégia de sedução, porém nem todas obtiveram sucesso como as três escravas. "Elas conseguiram provar que entraram clandestinamente no Brasil depois de 1850. Para isso contaram com o testemunho de quatro ex-escravas com quem haviam chegado ilegalmente ao país", conta a historiadora.

Comprovar os testemunhos das parceiras de porão de navio não foi uma tarefa difícil. Sabia-

se que, naquele período, o porto de Ubatuba não era visitado pelos ingleses, favorecendo o trabalho dos traficantes de escravos. "Além disso, as três relataram que haviam sido batizadas, já adultas, uma em Campinas e duas em Mogi Mirim. Tal fato constava dos registros paroquiais". Outras importantes informações prestadas por elas e que puderam ser cruzadas foram os testemunhos dos padres e empregados das fazendas onde haviam trabalhado.

Caráter educativo — Pela documentação, Lúcia constatou que existiu um intrincado roteiro pela liberdade, com processos que demoravam em média de três meses a alguns anos e apresentavam uma justificativa maior do que a própria liberdade dos idosos requerentes — quando se tornavam libertos, os ex-escravos garantiam a liberdade para os seus descendentes. Além disso, a historiadora também constatou que em meio às estratégias de sedução das escravas existia o caráter educativo, "porque elas aprendiam a obter a liberdade".

Um aspecto pode ilustrar esse fato, e era ensinada pela mulher liberta àquela que iria requerer o fim da escravidão: a melhor maneira de se chegar ao advogado era oferecer serviços. Dos advogados existentes na cidade, cinco eram os mais procurados para defender a liberdade através de contratos manuscritos e informais — Francisco Glicério, Orozimbo Maia, Campos Salles, Luiz Silvério Cruz e Bento Quirino dos Santos.

O preço da liberdade — No decorrer do processo, segundo a lei de 1871, a fim de evitar que a solicitante sofresse algum tipo de represália de seu senhor, o juiz determinava que ela ficasse "depositária" na casa de uma pessoa idônea. Também era comum o proprietário recusar o preço da liberdade oferecido pela escrava e não raro discordar do valor. Enquanto ele afirmava que ela valia menos do que o oferecido, ela garantia que o seu preço era menor em função, muitas vezes, da falta de um dedo.

Diante das discordâncias o juiz determinava uma avaliação feita por três pessoas da cidade, também senhores de escravos. Eles observavam, por exemplo, os dentes, a fim de ter uma noção da idade da escrava. Se ela tinha canelas finas, era sinal de agilidade e portanto de maior valor para o trabalho. Nádegas grandes denotavam ser boa cozinheira. Os avaliadores também levavam em consideração se a mulher possuía especialização em costura ou em outros trabalhos manuais.

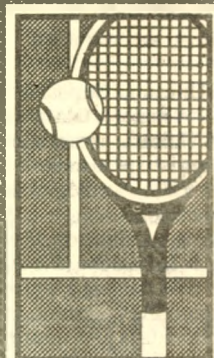
Maus tratos — Com base nos dados dos avaliadores, o juiz obtinha uma média do valor da escrava, mas nem sempre optava pelo preço mais baixo que ela pagaria pela própria liberdade. Então a solicitante tinha três dias para conseguir a diferença do dinheiro, quando se fizesse necessário completar o valor estipulado. Caso não conseguisse, voltava para a casa do senhor com a certeza de que poderia apanhar muito antes de recomeçar suas atividades como escrava.

Havia um aspecto, no entanto, que era respeitado pelos senhores de escravos: via de regra, os negros deviam ser preservados dos maus tratos excessivos, já que faziam parte do patrimônio e cicatrizes pelo corpo desvalorizavam o indivíduo. Nos registros do Centro de Memória, existem dois casos que chamaram a atenção da historiadora.

Pela documentação, um ilustre republicano da história local, violentou a filha de uma ex-escrava. A liberta, mesmo lhe prestando serviços, não hesitou e entrou com um processo na Justiça. O desfecho do caso, no entanto, deu em nada: dificilmente os historiadores poderão desvendar o que consta em meia folha de papel rasgado, até então mantida a sete chaves em arquivo.

O outro caso que impressionou a pesquisadora foi o da escrava Cristina, que trabalhava numa propriedade do Rio de Janeiro. Mesmo evitando exagerados maus tratos para preservar seu patrimônio, os senhores de Campinas tinham péssima reputação entre as senzalas, fato que era utilizado como uma ameaça por outros proprietários de escravos, para que os negros se comportassem bem.

"Quando soube que seria vendida para um fazendeiro de Campinas, Cristina começou a comportar-se como louca. Não queria, de forma alguma, ficar aqui. Não fazia nenhum serviço, como forma de pressão para voltar ao Rio de Janeiro. Somente depois de muito apanhar e o processo ir ao Fórum é que foi desfeito o negócio. Cristina foi devolvida ao antigo dono, já que estava dando prejuízo ao novo senhor". Como consta nos documentos, um médico de Campinas a examinou e certificou de que ela estava histérica. "E isso também não deixou de ser uma estratégia de sedução", conclui a historiadora. (C.P.)



**Quadra de saibro iluminada
aulas e locações**

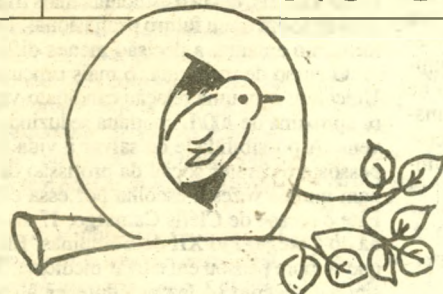
Aberta de 2ª a sábado das 7:00 às 22:00 horas
Domingos até as 13:00 horas
Tempo mínimo de locação - 1 hora

**Breve mais uma Quadra
Lanchonete e Vestiário**

ARUÁ CENTER TENNIS

R. 3 nº 75 - Jd. Aruá - Cidade Universitária
Barão Geraldo - FONE: 39-1480

**2.000 m² DE GOSTOSURA
NO GUARÁ**



PRÉ-ESCOLA

CASINHA DO JOÃO DE BARRO

Venha nos conhecer!
FONE: 39-2594

Para crianças de 1 ano e meio a 5 anos

Amigos, piscina,
escorregador, árvores, areia,
tinta, barro, massinha,
canetas, pincéis,...
para encantar, divertir,
desenvolver e soltar a
criatividade das crianças!
Entendemos a Educação
como o caminho da criança
chegar a sua autonomia.

**Matrículas abertas
para 94**

Editora investe na poesia

Coleção quer revelar bons poetas que não encontram espaços nas editoras comerciais.

A poesia acaba de conquistar um forte aliado no mercado editorial. Numa iniciativa ousada, a Editora da Unicamp está abrindo espaço para poetas novos, ilustres ou pouco conhecidos, através da coleção *Matéria de Poesia*. Além do lançamento de autores novos, a coleção vai se dedicar também à difusão da metapoesia — isto é, livros sobre poesia —, incluindo autores brasileiros e estrangeiros. Com tiragem de mil exemplares, quatro obras estão sendo lançadas este ano, podendo ser encontradas junto ao sistema de distribuição comercial e na rede de livrarias universitárias.

Sobre a inovação, o professor Eduardo Guimarães, diretor da Editora da Unicamp, explica que tanto as editoras em geral como as universitárias não têm um projeto continuado para a publicação de poesias. “É difícil encontrar alguma com um lugar bem definido, com um mercado claro para a poesia. É isso o que pretendemos promover no Brasil, tornando possível o advento de autores de uma nova geração”.

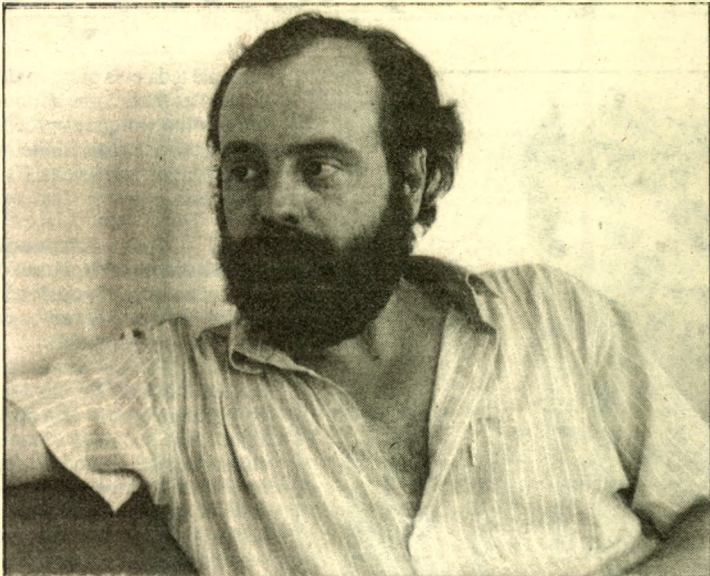
Ao ser executado de forma continuada, *Matéria de Poesia* conseguirá instalar uma relação entre o autor novo e o novo leitor, fazendo com que conquistem espaço no mercado editorial. “Acreditamos que exista gente capaz de produzir boas obras. Normalmente o que se observa é que as editoras abrem espaço para autores já consagrados e não aos novos, como pretendemos fazer”.

Olhar diferente — A coordenadora geral da coleção, professora Berta Waldman, divide a responsabilidade da assessoria literária com Yumma Maria Simon e Vilma Sant'Anna Arêas, todas docentes do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade. Lembrando que esta é a primeira vez que a Unicamp publica versos, Berta diz que é difícil uma editora comercial se responsabilizar por uma coleção de poesias por se tratar de um gênero que vende pouco.

“Uma editora busca publicar o que vende”, diz Berta. “Rubem Fonseca, por exemplo, tem lugar garantido em qualquer editora pelo lucro que sua literatura traz”. Poesia já é mais difícil ter público, já que trabalha num registro de linguagem mais difícil que a prosa. O romance, o conto, a novela, de acordo com ela, são assimilados com mais facilidade pelo leitor.

“É preciso lançar um olhar diferente sobre ela, ter um comportamento próprio quando se lê poesia. A prosa glosa um objeto, enquanto a poesia instaura um objeto, com um modo de ser muito diferente. Poesia é uma espécie de ave bizarra que pousa em diversos tempos e varia”, diz Berta. Em outras palavras, segundo ela, “a prosa desmembra um aspecto da realidade, enquanto a poesia se caracteriza por ser sintética”.

Ao acentuar as características da prosa e da poesia, o poeta e crítico de poesia Mário Faustino cita o escritor William Blake em uma de suas obras. Diz Faustino: “Pro-



Guimarães: cobrindo a lacuna deixada pelas editoras comerciais.



Berta Waldman: missão de ler e revelar novos poetas.

saico é o arranjo das palavras em padrões que analisam, descrevem, ilustram, glosam, narram ou comentam o objeto. Poético é o arranjo das palavras em padrões que sintetizam, suscitam, ressuscitam, criam, recriam o objeto. Por exemplo, se Blake dissesse qualquer coisa como ‘ontem à noite, quando passeava na floresta, pareceu-me de repente ver brilharem na escuridão os olhos negros de uma fera’, isto seria prosa, mas o que ele diz é: ‘Tigre, Tigre, ardendo fulgurante nas florestas à noite. Isto é poesia’, conclui Faustino.

A ousadia — Em sua análise sobre os dois gêneros, a professora do IEL diz que publicar *Matéria de Poesia* é ousar. “A última vez que se fez isso foi em 1989, com a coleção *Claro Enigma*, sob a coordenação do poeta e jornalista Augusto Massi, professor de literatura da USP e responsável pelo ‘Caderno Mais’ da *Folha de S. Paulo*”. A Editora Brasiliense, relata Berta, já teve o seu tempo para publicar poesia, com Ana Cristina César, Cacaso e Paulo Leminski. Nossa tarefa, por outro lado, está apenas começando”.

Com *Matéria de Poesia* a editora pretende lançar pelo menos seis títulos por ano. Inicialmente está prevista a publicação de cinco obras, sendo que a primeira já se encontra à venda — *Osso do Coração*, “poesia emergente” do diplomata Zuca Sardan. Os próximos lançamentos serão *Poemas*, de Maria Ângela Alvim, *Não Quero Prosa*, de Cacaso, *As de Colete*, de Zuca Sardan, e *Cuidado: Silêncios Soltos*, de Mário Jorge.

Natural do Rio de Janeiro e graduado em arquitetura, como diplomata Sardan serviu em países como Argélia, República Dominicana, Estados Unidos, antiga União Soviética, Holanda e Alemanha. Atualmente reside em Hamburgo. Considerado pelos críticos uma personalidade “original e curiosa” — apesar de bissexto até então —, ele compõe seus poemas de forma singular: “utiliza os encantos dos mitos infantis para desvendar aos adultos os desencantos do mundo”.

Osso do Coração, segundo Berta, se instala num lugar precário, num registro



Capa do livro de Zuca Sardan.

baixo e num registro elevado. Ele tem graça, tiradas cômicas, espírito de almanaque e, ao mesmo tempo, uma referência erudita muito grande. Por isso o leitor pode ficar meio desconcertado. Sardan é metamórfico, adulto e criança, ao mostrar o desencanto do mundo dos adultos. No prefácio, observa a professora, Francisco Alvim diz algo certo: “O herói de Sardan é um ser metamórfico (e metafísico), a oscilar entre a fralda e o fraque, a chupeta e o cavanhaque: capaz de grandes tiradas filosóficas e ainda não desmamado de tetas opulentas. Personagem de uma idade inconcebível, espécie de infância vetusta, onde transitassem bebês-anciãos”.

Os textos do primeiro livro da coleção vêm acompanhado de ilustrações, “com imagens antigas que Sardan reproduz, mostrando o quanto o autor é inesperado e desconcertante. Foi uma boa escolha para lançar a coleção”, avalia a coordenadora. “Cena Urbana” demonstra esse aspecto: “Misericórdia, bradaram/a multidão subversiva/Numa concordância/verbal ideológica./Mas a polícia não queria/saber de conversa/E baixou a borracha/corretivo tradicional:/Misericórdia, bradou então/a multidão./À noite, o sábio Doutor Malaguias/comentava, chope na mão/Eram tudo ilusões/meus amigos,/O mundo são cardos/O mundo são cardos”.

Quatro frentes — A coleção *Matéria de Poesia* não traz apenas poesia emergente, como mostra Berta. “É dividida em quatro frentes. A poesia nova, de quem está arriscando pela primeira vez o mercado editorial. Por exemplo, o nordestino Mário Jorge, embora já falecido, pela primeira vez terá suas obras publicadas. Outra frente é a republicação de poetas cujas edições estão esgotadas, como *Poemas*, da carioca Maria Ângela Alvim. Falecida aos 27 anos, era irmã de dois poetas, Francisco Alvim e Maria Lúcia Alvim, que publicaram seus trabalhos na coleção *Claro Enigma*”.

Uma terceira vertente é a poesia traduzida, como a de Nestor Perlongher, ex-professor da Unicamp, tido como um dos mais importantes nomes da poesia contemporânea argentina. Para a coleção, a Editora da Unicamp está providenciando a tradução de poesias alemãs e norte-americanas. A última frente é a metapoesia, com poetas falando sobre poeta. É o caso, por exemplo, de *Não Quero Prosa*, de Cacaso, que trata da obra escrita de poetas como Caetano Veloso ou Ana Cristina César.

Sobre os livros a serem lançados, *As de Colete*, de Zuca Sardan, é a típica obra da geração mimeógrafo — pela falta de recursos ou mesmo de editoras interessadas, os autores mimeografavam os seus trabalhos e assim conseguiam difundir-los. Enquanto o trabalho de Sardan se caracteriza pelo inesperado e desconcertante, o estilo de Maria Ângela Alvim é completamente diferente: intensa e reticente.

“O leitor sempre tem a impressão que há uma espécie de angústia na poetisa, como se que aquilo que ela vai dizer é muito menor. Existe sempre um resto que não alcança ser dito. É como se houvesse o silêncio sobre aquilo que a poesia não consegue dizer. Por exemplo: ‘Meus olhos são telas d’água/não ferem a perfeição.’ Ou então, ‘Se falo, estou perdendo/a só verdade de mim./Só a louca, se levantando/pôde guardá-la, se tanto,/passando e não se sabendo./Deixando aqui o segredo que vence o pavor:/— jasmim, nesse ar de estrela e de sono, a louca/se consumindo’”. (C.P.)

Galeria Pattaro

Barão Geraldo

O EXTRAVAGANTE
O EXÓTICO
O INIMAGINÁVEL!

- Presentes
- Bijuterias exclusivas
- Artesanato autêntico

MICIMALÊ
tempo presente

Av. Santa Isabel, 260
Loja 4 Galeria Pattaro
B. Geraldo

— *Pettaagli* —

- Jeans
- Moda unissex
- Roupas em cotton e linho
- Bolsas, cintos e acessórios

DESCONTO À VISTA E ÓTIMAS
CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

Av. Santa Isabel, 260 - Loja 5
Galeria Pattaro - B. Geraldo

Venha tomar
um cafezinho
com a gente

Entrevista: Lúcia Nagib

Os samurais do cinema japonês

Quais os pontos de contato entre o cinema novo japonês, o brasileiro e o europeu produzidos nos anos de 50 e 60? Primeira brasileira a escrever, de forma sistemática, sobre a produção cinematográfica japonesa desse período, a historiadora e crítica de cinema Lúcia Nagib, artista residente da Unicamp, acaba de lançar pela Editora da Universidade o livro *Em torno da nouvelle vague japonesa*. Nesse livro, através de entrevistas com os "sete samurais" do cinema novo japonês, Lúcia desvenda para o público a força da produção desses jovens cineastas, em sintonia com o movimento do cinema novo mundial. Lúcia também fala de sua incursão pelo cinema alemão, particularmente de Werner Herzog, e da atual crise do cinema brasileiro.

Jornal da Unicamp — Como teve início o seu interesse pelo cinema japonês?

Lúcia Nagib — Antes do cinema japonês vivi uma fase alemã. Fiz minha tese de mestrado — defendida em 1989 na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo —, sobre a produção cinematográfica de Werner Herzog. Por sua causa fui à Alemanha várias vezes e traduzi seu livro *Werner Herzog — o cinema como realidade*. Em 1981, quando li, em francês, o livro do Herzog chamado *Caminhando no gelo*, fiquei fascinada. Por intermédio do Herzog, conheci Lotte Eisner, considerada a maior historiadora do cinema alemão. Ela escreveu um livro clássico sobre o cinema expressionista alemão chamado *A tela demoníaca*, que também traduzi para o português. Para o doutorado queria continuar trabalhando com o cinema alemão porque percebi no Herzog muitos pontos de contato com o cinema brasileiro. Pretendia, numa perspectiva histórica, fazer uma tese comparativa entre o cinema novo brasileiro e o cinema alemão. Entretanto, com a eleição do Collor e o fechamento da Embrafilme, fiquei muito deprimida. Toda a situação vivida pelo país, naquele momento, me dava medo. Resolvi ir embora do Brasil por algum tempo. Recuperei então minha antiga paixão pelo cinema japonês. Essa paixão começou em 1984, quando escrevi no *Folhetim*, caderno já extinto do jornal *Folha de S. Paulo*, um ensaio sobre o filme "Furyo — em nome da honra" de Nagisa Oshima. Desde então venho mantendo correspondência com Oshima.

"A nouvelle vague nasceu da onda propiciada pela presença norte-americana no Japão do pós-guerra".

JU — Por que o Oshima e não outro diretor do cinema japonês?

Lúcia — Em 1984, a Fundação Japão fez uma retrospectiva da filmografia do Oshima. Eu já conhecia alguns de seus filmes e gostava muito. Com a retrospectiva, tive a oportunidade de conhecer sua obra de uma maneira mais ampla. Fiquei encantada com o seu cinema e resolvi fazer minha tese de doutorado centrada em seu trabalho.

JU — O recorte dado em seu livro sobre a *nouvelle vague* do cinema japonês, com os chamados sete samurais, foi questionado pelo próprio Oshima, que não o considerou natural.

Lúcia — O Oshima não pôde ler meu livro em português, onde explico as razões que me levaram a selecionar esses diretores. Faço, na verdade, todo um trajeto histórico. Começo com os precursores do cinema japonês, depois analiso o momento específico e bastante breve em que ocorreu a chamada "nuberu bagu" do Japão (adaptação de *nouvelle vague* à pronúncia japonesa, transcrita em *katakana*, fonogramas para termos estrangeiros). Em meu livro aponto os três desdobramentos desse momento do cinema japonês e questiono inclusive toda essa terminologia. Comento o fato de não ter existido



Lúcia: fascínio pelo cinema japonês do pós-guerra.

tido um termo japonês próprio e de ter sido adotada a terminologia francesa que não foi sequer criação dos cineastas da França, mas de seus críticos. Ocorre, porém, que o filme de Oshima foi lançado junto com o de Godard, que foi para o Japão com esse rótulo da *nouvelle vague*. Talvez tenha se achado que, desse forma, se atrairia mais o público. Foi, na verdade, uma jogada comercial, embora existam inegáveis pontos de contato entre a *nouvelle vague* francesa e a japonesa.

JU — Como estudiosa da história do cinema, a que você atribui essa intensidade de produções em diferentes países, na mesma época?

Lúcia — Em primeiro lugar, à atmosfera política que se vivia no mundo inteiro, naquele momento. Entre



o final dos anos 50 e início dos 60, teve início todo um movimento da juventude em torno da liberalização dos costumes, sob a influência dos partidos de esquerda que pareciam estar indo bem. Depois veio a guerra da Argélia e a sua libertação. Tudo isso influenciou o cinema europeu e também o brasileiro. Essa atmosfera também estava se desenvolvendo no Japão, mas com matizes diferentes. No Japão, esses movimentos, por curiosidade que pareça, foram motivados pela burocratização introduzida no país pela ocupação americana. Num primeiro momento, os americanos estimularam a criação de sindicatos e de centros acadêmicos estudantis. As entidades começaram, porém, a reagir e a ter uma participação política grande no Japão. O movimento acabou indo contra os interesses americanos que, no final dos anos 50, fizeram uma nova versão do tratado de segurança nipo-americana. O novo tratado submetia o exército japonês ao controle dos Estados Unidos. Além disso, colocava o Japão como aliado interno contra o comunismo que se espalhava nos países vizinhos à Ásia, sobretudo na China, que tinha uma influência grande sobre a juventude japonesa. Entretanto, a juventude japonesa terminou se revoltando contra esse tratado e surgiram grandes

movimentos de oposição. O operariado também se uniu à luta dos estudantes. A partir daí, os americanos começaram a reprimir duramente esses movimentos.

JU — Como se explica que, no Japão, onde os valores são bem mais arraigados, esse movimento de ruptura com a tradição no processo de produção do cinema novo japonês?

Lúcia — O cinema japonês sempre foi atrelado às grandes produtoras e uma delas, a Nikkatsu, que tinha sido fechada durante a Segunda Guerra e reabriu em 1954, precisava renovar seus quadros, uma vez que os antigos haviam se desfeito. Pelo sistema das antigas produtoras, os jovens dificilmente eram promovidos a diretores. Precisavam primeiro passar por vários estágios. Só quando atingiam por volta dos 40 anos é que eram promovidos a diretor. Como a Nikkatsu não poderia, naquele momento, esperar todo esse processo, resolveu promover os jovens assistentes a diretor. Tudo isso influenciado por uma onda da jovem propiciada pela presença americana no Japão. Verificou-se, de repente, uma onda de carros esportivos, motocicletas, mulheres fumando e bebendo, sexo livre e uma liberação total de costumes. Essa atmosfera foi retratada nos primeiros filmes da Nikkatsu produzidos nos anos 50. Ao contrário do que aconteceu nos outros países, na França, por exemplo, onde os jovens cineastas tiveram que romper imediatamente com as produtoras e os chamados cinema de *qualité*, no Japão, as próprias produtoras foram as incentivadoras desses jovens cineastas. Isso foi algo peculiar ao Japão. A Schochiku, que era a produtora japonesa mais tradicional, resistiu até o final dos anos 50. A partir daí promoveu Oshima a diretor. Num primeiro momento, o cinema novo japonês se desenvolveu, portanto, dentro das próprias produtoras. Embora tivesse um espírito inovador, como se vê na "Paixão Juvenil", esse não era um filme politicamente contestador. Esse filme não teve o caráter que começaram a ter mais tarde os filmes de Oshima ou Inamura, daí a reação das grandes empresas. No caso de Oshima, ele próprio pediu demissão depois de seu quarto filme, que se chamava "Noite e névoa no Japão". Tratava-se de uma forte crítica ao sistema absolutista da sociedade japonesa e também ao partido comunista. Na verdade, em seu filme, Oshima acusa todas as instituições do poder. Esse filme causou um estardalhaço e foi retirado de cartaz no seu terceiro dia de exibição. Depois disso, em 1960, o Oshima pediu demissão. Os outros cineastas foram saindo aos poucos e, até 1966, prati-

camente toda essa geração tinha abandonado as produtoras. Criou-se então um conflito, porque as produtoras não dispunham de mais dinheiro, apesar de apostarem nos jovens. Esse foi um fenômeno mundial.

JU — Os filmes que você trouxe para as mostras de Campinas e São Paulo são um sintoma da disseminação do cinema japonês pelo mundo?

Lúcia — Os filmes exibidos nessa mostra em Campinas e São Paulo são antigos, dos anos 50 e 60. Já passaram na França, nos Estados Unidos, onde também tiveram bastante repercussão nessa época. O primeiro país estrangeiro a ver esses filmes foi o Brasil em função da grande colônia japonesa existente em São Paulo. Chegaram a existir cinco cinemas

"O Japão mantém hoje uma média de 100 filmes por ano, quando nos anos 50 chegaram a produzir 500".

com projeção única de filmes japoneses. Aos poucos, porém, foram se reduzindo, até acabarem. Nunca foram, no entanto, exibidos de uma forma sistemática. A maioria dos que eu trouxe é inédita no Brasil.

JU — Então, o que o grande público brasileiro conhece do cinema japonês ainda é um fragmento da sua produção?

Lúcia — Na verdade, embora o brasileiro tenha tido a chance extraordinária de conhecê-lo antes do mundo inteiro, ainda se conhece pouco do cinema japonês. Nunca ninguém pensou ou escreveu, de uma forma sistemática, sobre a sua produção. Mesmo hoje o cinema japonês só passa aqui de vez em quando, graças à Fundação Japão, que traz pelo menos uma mostra anual. O cinema japonês está totalmente banido do circuito comercial.

JU — Sempre imaginei que a difusão cultural viesse na esteira do fator econômico. No caso do Japão, por que isso não acontece?

Lúcia — O desenvolvimento econômico das empresas japonesas é inegável. Entretanto, no caso do cinema, a situação é diferente. Depois da decadência, as grandes produtoras japonesas não mais se levantaram. A produção japonesa atual é feita de maneira independente. Os diretores

sofrem para fazer seus filmes porque são obrigados a mendigar dinheiro em todos os cantos. Dessa forma, conseguem manter uma produção anual de cerca de 100 filmes, quando no passado chegaram a 500. O cinema está decadente no mundo inteiro.

JU — Apesar de sua proposta inicial ter sido escrever sobre Oshima, esse trabalho foi um pouco postergado. Por quê?

Lúcia — As bolsas de pós-graduação são baixíssimas e eu precisava sobreviver. Como voltei do Japão desempregada, resolvi fazer um projeto sobre o cinema novo japonês e o apresentei simultaneamente à Unicamp e à Fundação Japão. Obtive o apoio das duas instituições e fui contratada pela Universidade de Campinas, durante um ano, como artista residente. Dessa forma pude terminar este trabalho e espero até fevereiro próximo concluir minha tese de doutorado sobre o Oshima.

JU — Como você analisa a atual crise do cinema brasileiro?

Lúcia — O cinema brasileiro vinha agonizando há algum tempo. O problema é que, em vez de darem um tratamento de emergência para curá-lo, o botaram na UTI. Com isso, mataram o doente. Foi um golpe duríssimo o fechamento da Embrafilme. Foi a política mais burra contra a cultura de que se tem notícia o fechamento da Embrafilme e o aniquilamento das instituições de arte em geral. Foi uma verdadeira brutalidade contra o patrimônio histórico e cultural brasileiro. Isso só não aconteceu na área do curta-metragem que, surpreendentemente, manteve seu vigor. Mas, como não se tem dinheiro, a força jovem do cinema brasileiro, que se encontra hoje no curta-metragem, não tem condições de entrar para o longa. São feitos centenas de curtas de bom nível.

JU — Qual a influência do crítico de cinema no sucesso ou não de um filme?

Lúcia — O cinema de autor é muito ligado à crítica e à teoria. Já o cinema comercial, do tipo hollywoodiano, não. Esse cinema aparece na imprensa e na mídia em geral, não importa de que jeito. Já o cinema de autor é intelectualizado. O cinema inaugurado por esses diretores independentes em todos



os países do mundo, que nasceu com uma esperança política, com uma utopia, depende da crítica. Está intimamente ligado à atuação dos críticos e dirige-se a um público que se preocupa com o que a crítica escreve. Nesse campo, o papel da crítica é fundamental. Se esses filmes japoneses tivessem passado sem qualquer comentário, não passariam de um monte de filmes esquecidos. Temos que conversar com o público e selecionar para ele a boa produção. Não é todo mundo que está disposto a entrar nessa viagem. É uma viagem intelectual e não só de entretenimento.

JU — Qual o papel da linguagem cinematográfica como revelador de uma cultura nacional?

Lúcia — Existem escolas que pensam dessa maneira, que o cinema revela uma cultura nacional. Mas esse critério está sendo colocado em discussão porque o cinema em geral está perdendo o caráter de produção nacional. A maioria das produções está sendo feita com dinheiro internacional, em regime de co-produção. Os atores também são de várias nacionalidades. Um diretor pode ser de um país e o assistente de outro. É difícil, portanto, falar hoje em cinema como revelador de uma cultura nacional. (G.C./E.G.)

Em dia

APG: nova diretoria — A Associação de Pós-Graduandos (APG) comunica os nomes de seus novos diretores, cuja posse se deu no dia 11 de agosto passado: presidente, George Gurgel (FEM); vice-presidente, Fernanda Marcondes (IB); 1º secretário, Ronaldo Madureira (FEM); 2º secretário, Olavo Henrique (IFCH); 1º tesoureiro, Cacilda P. Santos (FEF); 2º tesoureiro, José Moita (IG); 1º suplente, Márcio Fernandes (Imecc); e 2º suplente, Marcelo Machado.

Encontros

Saúde reprodutiva e sexualidade — II Programa de Estudos em Saúde Reprodutiva e Sexualidade. Organizado pelo Núcleo de Estudos da População (Nepe) e pelo Centro de Pesquisa e Controle das Doenças Materno-Infantis de Campinas (Cemicamp), ambos vinculados à Universidade, será realizado entre 18 de outubro e 6 de novembro, destinado àqueles que desenvolvem pesquisas na área, trabalho técnico e atividades em movimento social. Informações pelo telefone 39-8576.

Cursos

Economia do trabalho e sindicalismo — É o curso de especialização promovido pelo Instituto de Economia da Unicamp, através de sua Coordenação de Pós-Graduação e o Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit). As inscrições já estão abertas e o objetivo do curso é a formação de pessoal, para ocupar posições de assessoramento e direção de órgãos públicos ou privados, voltados para atuação no campo de economia e relações do trabalho e do sindicalismo. Há possibilidade de obtenção de bolsas de estudo.

Publicações

Trilhas — Acaba de ser lançado o número 1, ano quatro, de *Trilhas*, revista do Instituto de Artes da Unicamp, que traz a colaboração do diretor e dramaturgo José Caldas, que discute a situação do jovem teatro português nos últimos dez anos; do arquiteto, diretor e roteirista Lauro Pinotti, abordando a questão do verbal e do não-verbal nos filmes de Hitchcock; além da contribuição de Dayse Piccinini, que discorre sobre a relação da informática com a pesquisa em artes, tomando como exemplo uma experiência francesa. O psiquiatra Joel Giglio e a pesquisadora do Núcleo de Estudos Psicológicos, Zula Garcia Giglio, tecem considerações sobre aspectos psicodinâmicos da criatividade musical. A pedagoga Nelly de Camargo apresenta um estudo sobre a indústria cultural no Brasil. *Trilhas* é impressa na Gráfica Central da Universidade.

Pós-inscrições

Política Científica e Tecnológica — Com o objetivo de formar e capacitar pesquisadores e docentes no campo da política científica e tecnológica, o Instituto de Geociências está recebendo inscrições para o curso de mestrado na área. A ênfase é o aperfeiçoamento do pessoal científico vinculado às universidades e centros de pesquisa da América Latina, procurando dotar os egressos de um instrumento teórico e prático que os capacite para a reflexão crítica sobre o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, as políticas subjacentes e suas implicações sócio-econômicas. São 15 vagas e outras informações podem ser obtidas pelo telefone 39-1097.

Mecânica — Encontram-se abertas as inscrições para pós-graduação (mestrado e doutorado) em engenharia mecânica, para o primeiro semestre de 1994 nas áreas de mecânica dos sólidos, materiais e processos de térmica e fluidos. Os interessados devem procurar a Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Engenharia Mecânica, até o dia 29 de outubro, ou obter outras informações pelos telefones 39-8414 e 39-8424.

Recursos Naturais — O Instituto de Geociências (IG) está com inscrições abertas, até o dia 31 de outubro, para o mestrado em Administração e Política de Recursos Minerais. São 15 vagas, com início das aulas em março e duração máxima de seis semestres. O curso tem como objetivo o estudo da política de aproveitamento dos recursos minerais em todas as suas etapas (exploração, produção, comércio e consumo) e do seu arcabouço jurídico, enquanto componente da estratégia de desenvolvimento nacional ao lado da política industrial, política econômica e social e política ambiental. Informações pelos telefones 39-8301 e 39-1097.

Sistemas Energéticos — A Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) está com inscrições abertas para o curso de pós-graduação em Planejamento de Sistemas Energéticos, em níveis de mestrado e doutorado. Os interessados devem entrar em contato, até o dia 30 de novembro, com a Secretaria da Comissão de Pós-Graduação, Bloco I, 1º piso. Outras informações pelo telefone 39-8530.

WDA NIVERSITÁRIA

Teses

Biologia

“Sensibilidade às catecolaminas dos átrios direitos de ratas: influência das fases do ciclo estral e do stress” (mestrado). Candidata: Monica Luiza Viegas Rodrigues. Orientadora: professora Regina Célia Spadari. Dia: 1º de setembro.

“Envolvimento do carreador ADP/ATP nos processos de permeabilização da membrana mitocondrial interna” (doutorado). Candidata: Denise Vaz de Macedo. Orientadora: professora Lúcia Pereira da Silva. Dia: 3 de setembro.

“Estrutura e composição de um tendão sujeito a forças de compressão” (doutorado). Candidato: Hermendes Faustino de Carvalho. Orientador: professor Benedicto de Campos Vidal. Dia: 15 de setembro.

“Comportamento e seleção de presas em *Eriphia gonagra* (Decapoda, Xanthidae) no costão da praia do Rio Verde, E. E. Juréia-Itatins, SP” (doutorado). Candidata: Rosebel Cunha Nalesso. Orientadora: professora Antonia Cecília Zacagnini Amaral. Dia: 21 de setembro.

“Viabilidade e eficiência de um programa de hemoglobinopatias hereditárias em uma comunidade brasileira (Araras, SP) abordada a partir das gestantes” (doutorado). Candidata: Rosa Chelminsky Teixeira. Orientador: professor Antonio Sérgio Ramalho. Dia: 24 de setembro.

“Alterações do gene da globina e hemoglobinopatias estruturais e talassêmicas no Brasil” (doutorado). Candidata: Sílvia Regina Pérgamo de Miranda. Orientador: professor Fernando Ferreira Costa. Dia: 27 de setembro.

Ciência da Computação

“Métodos eficientes para reconhecimento de padrões em textos” (mestrado). Candidato: Marcus Vinícios Alvim Andrade. Orientador: professor Cláudio Leonardo Lucchesi. Dia: 21 de setembro.

Economia

“Concorrência e competitividade — notas sobre estratégia e dinâmica seletiva na economia capitalista” (doutorado). Candidata: Maria Silvia Possas. Orientador: professor Luciano G. Coutinho. Dia: 28 de setembro.

Educação

“A alteridade como critério fundamental e englobante da bioética” (doutorado). Candidato: Francisco de Assis Correia. Orientador: professor Newton Aquiles Von Zuben. Dia: 3 de setembro.

“Problematização: um caminho a ser percorrido em educação matemática” (doutorado). Candidata: Maria do Carmo Domite Mendonça. Orientadora: professora Márcia Regina Ferreira de Brito. Dia: 14 de setembro.

“Professores em serviço: análise de um processo de (trans)formação” (mestrado). Candidata: Ana Lúcia de Abreu Braga. Orientadora: professora Ana Luiza Bustamante Smolka. Dia: 20 de setembro.

“Uma proposta de estudo, visando à facilitação da aprendizagem: aula de leitura após sessão de relaxamento” (doutorado). Candidata: Sônia Maria D’Albuquerque. Orientador: professor Sérgio Goldenberg. Dia: 21 de setembro.

“A formação do professor de psicologia — Estudo de uma licenciatura em psicologia” (mestrado). Candidato: Dárcio Tadeu Lisboa Oliveira. Orientadora: professora Márcia Regina Ferreira de Brito. Dia: 21 de setembro.

“Darwinismo social e educação no Brasil” (doutorado). Candidato: Antonio Carlos Bergo. Orientador: professor Hermas Gonçalves Arana. Dia: 23 de setembro.

“A FAE e a execução da política educacional: 1983-1988” (doutorado). Candidata: Eloisa de Mattos Hofling. Orientador: professor Evaldo Amaro Vieira. Dia: 29 de setembro.

Estatística

“Discriminação com mistura de variáveis contínuas e categóricas” (mestrado). Candidata: Mercedes Ana Valdivia León. Orientadora: professora Regina Célia Carvalho Pinto Moran. Dia: 17 de setembro.

Engenharia Agrícola

“Variabilidade espacial da umidade e da densidade do solo em um latossolo roxo na região de Campinas/SP” (mestrado). Candidato: Ednaldo Carvalho Guimarães. Orientador: professor Newton Roberto Boni. Dia: 29 de setembro.

Engenharia Elétrica

“Análise de transitórios eletromagnéticos em linhas de transmissão utilizando a transformada Z” (mestrado). Candidato: José Renato Castro Pompéia Fraga. Orientador: professor José Pissolato Filho. Dia: 1º de setembro.

“Um sistema de suporte ao controle de tensão/potência reativa com processamento de conhecimento” (mestrado). Candidato: João Carlos Fonseca Teixeira. Orientador: professor Anésio dos Santos Junior. Dia: 13 de setembro.

“Síntese e caracterização de diamantes pelo método CVD para aplicação em dispositivos eletrônicos” (doutorado). Candidato: Cesar Ramos Rodrigues. Orientador: professor Vitor Baranaskas. Dia: 15 de setembro.

“Desempenho da modulação GMSK no ambiente móvel: aplicação a uma rede local sem fio” (mestrado). Candidato: Nelcy Felisbino

Keffer. Orientador: professor Michel Daoud Ya-coub. Dia: 17 de setembro.

“Estudo e implementação de sistema de controle de direção para veículo auto-guiado” (mestrado). Candidato: Sérgio Eduardo Gouvêa da Costa. Orientador: professor Jaime Szajner. Dia: 21 de setembro.

“Codificação ótima de padrões e rotulação de sinais via análise de correspondência e homeomorfismo entre subespaços de Hamming, euclidiano e euclidiano ponderado” (doutorado). Candidata: Blanca Rosa Maquera Sosa. Orientador: professor Reginaldo Palazzo Junior. Dia: 21 de setembro.

“Contribuição a síntese de circuitos digitais” (doutorado). Candidato: Alexandre César Rodrigues. Orientador: professor Ivanil Sebastião Bonatti. Dia: 22 de setembro.

“Redes neurais e lógica formal em processamento de linguagem natural” (mestrado). Candidato: João Luís Garcia Rosa. Orientador: professor Márcio Luiz de Andrade Netto. Dia: 22 de setembro.

“Simtraf-operbus: um simulador de tráfego urbano com operação de ônibus de transporte coletivo” (mestrado). Candidato: Marcelo Nishi. Orientador: professor Jurandir Fernando Ribeiro Fernandes. Dia: 24 de setembro.

“Desfibrilador cardíaco microprocessado para uso clínico e em pesquisa” (mestrado). Candidato: Hermán Cortés Gómez. Orientador: professor Sérgio Santos Mühen. Dia: 24 de setembro.

“Estudo e implementação de um teste de aceleração térmica para a melhoria da qualidade e confiabilidade de componentes e sistemas” (mestrado). Candidato: Felipe Carneiro Leão. Orientador: professor Peter Jurgen Tatsch. Dia: 28 de setembro.

“Programação horária de peças em uma célula flexível de manufatura” (doutorado). Candidata: Evelin Teixeira. Orientador: professor Akebo Yamakami. Dia: 29 de setembro.

“Fluxo de potência em sistemas de distribuição” (mestrado). Candidato: Marcelo Adorni Pereira. Orientador: professor Carlos Alberto Favarin Murari. Dia: 29 de setembro.

“Filragem adaptativa em cascata: proposta de estrutura e do algoritmo, análise e aplicações” (doutorado). Candidato: Luis Cláudio Coradini. Orientador: professor João Marcos Travassos Romano. Dia: 30 de setembro.

Engenharia Mecânica

“Otimização da velocidade de trefilação do aço inoxidável austenítico ABNT 304” (mestrado). Candidato: Gustavo Aristides Santana Martinez. Orientador: professor Sérgio Tonini Button. Dia: 9 de setembro.

“Planejamento de sistemas elétricos regionais considerando a contribuição da geração descentralizada” (mestrado). Candidato: Edson da Costa Bortoni. Orientador: professor Sergio Valdir Bajay. Dia: 10 de setembro.

“Um ambiente integrado de desenvolvimento de software aplicado à robótica” (mestrado). Candidato: Luiz Antonio de Freitas Coutinho. Orientador: professor João Maurício Rosário. Dia: 17 de setembro.

“Implementação de um mecanismo de calibração e identificação de parâmetros para robôs” (mestrado). Candidato: Renato de Campos. Orientador: professor João Maurício Rosário. Dia: 20 de setembro.

“Projeto e desenvolvimento de um sistema de geração automática de trajetória para manipuladores” (mestrado). Candidato: Joselito Menezes da Cruz. Orientador: professor João Maurício Rosário. Dia: 24 de setembro.

“Estudo e implementação de critérios para monitoramento contínuo de máquinas hidroelétricas” (mestrado). Candidato: Waldemar Scudeller Júnior. Orientador: professor Robson Pedreira. Dia: 24 de setembro.

“Estudo da dinâmica longitudinal do trem” (mestrado). Candidato: Roberto Spínola Barbosa. Orientador: professor Hans Ingo Weber. Dia: 29 de setembro.

Engenharia do Petróleo

“Medida dinâmica de propriedades térmicas” (mestrado). Candidata: Rosângela Barros Zanoni Lopes Moreno. Orientador: professor Osvaldo Vidal Trevisan. Dia: 13 de setembro.

Engenharia Química

“Controle de reatores de batelada exotérmica pelo método da linearização global” (mestrado). Candidato: Luís Emílio Vasconcelos de Andrade. Orientador: professor Mário de Jesus Mendes. Dia: 10 de setembro.

Física

“O limite clássico do átomo de hidrogênio de acordo com a transformação KS” (mestrado). Candidato: Ademir Luiz Xavier Junior. Orientador: professor Marcus Aloízio M. de Aguiar. Dia: 21 de setembro.

Humanas

“Arquitetura de Batatais 1880-1930” (mestrado). Candidata: Maria Stella Teixeira Fernandes Dutra. Orientador: professor Jorge Sidney Coli Júnior. Dia: 15 de setembro.

“Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX” (doutorado). Candidata: Regina Horta Duarte. Orientador: professor Alcir Lenharo. Dia: 17 de setembro.

“O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas na ditadura 1964-1969” (doutorado). Candidato: João Roberto Martins Filho. Orientador: professor Décio Azevedo Marques de Saes. Dia: 17 de setembro.

“Os últimos iluminados: ciência para trabalhadores na Argentina de princípios do século” (doutorado). Candidata: Dora Beatriz Barrancos. Orientador: professor Michael MacDonald Hall. Dia: 23 de setembro.

Linguagem

“A cidade poética de Joaquim Cardozo (elegia de uma modernidade)” (doutorado). Candidata: Moema Selma da Silva Dandrea. Orientador: professor Robert Schwarz. Dia: 2 de setembro.

“Uma poética da inversão. Poesia concreta: da representação ao simulacro” (mestrado). Candidata: Ana Teresa Cabaas Mayoral. Orientadora: professora Iumna Maria Simon. Dia: 23 de setembro.

“Diálogo à distância no processo de aquisição da oralidade em língua estrangeira” (mestrado). Candidata: Marisa Kimie Morita. Orientador: professor José Carlos Paes de Almeida. Dia: 24 de setembro.

“O papel dos estilos de ensino e de aprendizagem na interação professor/aluno” (mestrado). Candidata: Sílvia Helena Heinrich. Orientadora: professora Eunice Ribeiro Henriques. Dia: 29 de setembro.

“Confidências da carne — o público e o privado na enunciação da sexualidade” (doutorado). Candidato: Pedro Souza. Orientadora: professora Eni Orlandi. Dia: 30 de setembro.

Matemática

“Métodos variacionais para sistemas lineares esparsos: uma aplicação a superfícies livres de capilaridade” (mestrado). Candidato: Márcio Rodolfo Fernandes. Orientador: professor Petrônio Pulino. Dia: 17 de setembro.

“Anéis de polinômios a valores inteiros” (mestrado). Candidata: Ana Cláudia Peruzzi. Orientador: professor Paulo Roberto Brumatti. Dia: 30 de setembro.

Medicina

“A histamina como potencial mediador da ereção peniana em humanos” (mestrado). Candidato: Alister de Miranda Cará. Orientador: professor Gilberto de Nucci. Dia: 1º de setembro.

“Estudo sistemático da peçonha de *Bothrops moojeni*” (mestrado). Candidato: Antonio Lelis Franco Andrade. Orientadora: professora Júlia Prado Franceschi. Dia: 24 de setembro.

Química

“Estudos espectroscópicos alaranjados de acridina e daunomicina intercaladas com ácido desoxiribonucleico (DNA)” (mestrado). Candidato: Reinaldo Aparecido Baricatti. Orientador: professor Francisco Benedito Teixeira Pessine. Dia: 24 de setembro.

“Reações de alquilfenilciclopropenomas com diazóis: reatividade e estudo de orbitais moleculares” (mestrado). Candidato: Silvio do Desterro Cunha. Orientador: professor Albert James Kascheres. Dia: 30 de setembro.

Não perca tempo, nem oportunidades. Venha para o CNA Intensivo já!

- Descontos especiais para conveniados Unicamp
- Início dos grupos em outubro
- Duração: 2 meses
- Manhã, tarde ou noite
- E mais: matricule-se já e concorra a uma viagem aos EUA com tudo pago.



Para quem não tem tempo a perder

F: 51-4088

Economia reúne suas três gerações

Série de encontros e depoimentos marca primeiro quarto de século do Instituto.

O encontro de três gerações do Instituto de Economia (IE) marca as comemorações dos 25 anos da unidade. De agosto a novembro, uma série de seminários reunindo economistas brasileiros e estrangeiros aborda as questões relevantes da macroeconomia, onde a percepção da interdependência dos países é fator obrigatório para a compreensão dos rumos da economia nacional e mundial.

Paralelamente aos seminários sobre "Novas questões para a teoria econômica e a economia internacional", "América Latina: passado, presente e futuro" e "Economia brasileira", foi também organizada uma série de depoimentos sobre a história do Instituto de Economia. Durante toda a tarde do dia 30 de agosto último, relatos de professores, de representantes de ex-alunos, de funcionários e de atuais alunos mostraram que o espírito de grupo e o ideário que nortearam a escola, desde a sua fundação, continuam vivos.

A Escola de Pensamento Econômico de Campinas, que se originou a partir da visão crítica da escola cepalina — Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), órgão das Nações Unidas com sede em Santiago do Chile —, tem nos clássicos Keynes e Shumpeter seus principais inspiradores. O perfil de economia política, com uma visão humanista, que diferencia os cursos do IE dos demais existentes no país, vem, ao longo dos anos, formando uma série de discípulos.

Ruptura — No final dos anos 60, o país se defrontava com a quebra da frágil democracia até então existente. Os que se insurgiam contra o governo eram banidos da vida pública e até mesmo extraditados. Nesse clima conturbado, um ousado projeto com uma nova concepção de curso de economia foi gestado na Unicamp com o apoio decisivo de seu fundador e reitor *pro tempore*, Zeferino Vaz.

Para a estruturação inicial do curso foi convidado um grupo de economistas que não comungava com a visão ortodoxa que conduzia a política econômica do país naquele momento. Os professores fundadores do antigo Departamento de Economia e Planejamento Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, hoje Instituto, imprimiram então uma nova filosofia ao ensino das ciências econômicas.

O projeto, de acordo com o professor Luciano Coutinho, representou uma ruptura com a teoria da concorrência perfeita e de que os preços absolutamente flexíveis dominavam o sistema econômico. Representou também a ruptura com o paradigma do equilíbrio geral, com a síntese neoclássica, com a estabilidade dos modelos, com a idéia de que dinheiro e crédito eram neutros e meramente variáveis quantitativas.

O que se buscou, como alternativa, foi uma reflexão mais profunda sobre o capitalismo moderno, negando a teoria ascética do crescimento econômico sem nenhuma transformação, do crescimento a-histórico. A preocupação dos economistas da Unicamp era com a especificidade do momento histórico na América Latina.

Na verdade, os conceitos teóricos que estavam presentes nas cabeças dos jovens economistas representavam uma quebra com toda a escola tradicional de ensino de economia no país. Optou-se claramente por Marx, Schumpeter, Furtado, Caio Prado Jr, entre outros da mesma linha. Consolidou-se assim o afastamento definitivo do grupo de economistas da Unicamp da visão da teoria econômica separada do sistema de poder, do Estado, da hegemonia mundial. A visão de que a sociedade é governada pelo mercado.

Caráter crítico — Os princípios que nortearam a formulação das ementas das diferentes disciplinas do curso de economia da Unicamp, desde o seu início, nos anos 70, foi o caráter crítico e multidisciplinar, sempre presente na cabeça de seus idealizadores. De acordo com os vários depoimentos que se sucederam na comemoração dos 25 anos do IE — Waldir Quadros, seu atual diretor, Ferdinando de Oliveira Figueiredo, Wilson Cano, Liana Aureliano da Silva, João Manoel Cardoso de Melo, ex-diretor da unidade, Carlos Eduardo Gonçalves, Osmar Marchese, Luiz Gonzaga Beluzzo, Luciano Coutinho, Fernando Novaes, Maria de Conceição Tavares e Fabrício de Oliveira —, era esse o traço comum dos mentores do projeto.

A filosofia de trabalho coletivo e interdisciplinar, a realização de seminários frequentes e o avanço das idéias era tão intenso e profícuo que, como afirma a professora Liana, chegava um determinado momento em que não se sabia mais onde começava e onde terminava a originalidade de cada projeto. "Uma escola que tem uma cara, um caráter crítico, que não se acovarda diante da realidade". Assim definiu o IE o professor Wilson Cano. "Uma escola preocupada com a nacionalidade, a cidadania e o desenvolvimento econômico e social", arrematou o professor Marchese.



Luiz Gonzaga Beluzzo e Luciano Coutinho confabulam durante intervalo de um dos seminários.



Conceição: "A melhor qualidade possível".

A lealdade de trabalho, de princípios e de idéias estiveram sempre presentes entre os economistas do IE, assegura o professor Gonçalves, para quem as divergências naturais não impediram que a escola de economia da Unicamp se transformasse numa escola de pensamento.

A perseguição que esse grupo de jovens economistas, movidos pelo ideal de uma distribuição de renda mais justa no país foi vítima, foi lembrada por Beluzzo. "Engraçado, carregávamos duas pechas. Éramos vistos internamente como de direita e externamente como de esquerda. Não tínhamos intenção alguma de nos transformar em expoentes do pensamento econômico, mas de encarar com realismo as questões nacionais".

O enfrentamento inevitável com agentes do DOI/CODI e do DOPS paulista, com a proteção total de Zeferino Vaz, foi relatado por João Manuel, um dos artífices do projeto. Segundo ele, a Unicamp era a única universidade brasileira, na época, onde não havia triagem ideológica para a seleção de seus quadros, "porque o Zeferino não deixava". Certa vez, diante do questionamento sobre greve na Universidade, ele disse aos militares. "Eu estou na vida universitária há 40 anos e desta menina não entendo eu. Os senhores não vão prender ninguém e quando eu precisar de vocês eu chamo". Não por acaso, disse João Manuel, a Unicamp foi construída com "firmeza, a firmeza moral das pessoas, que é a herança que está até hoje viva".

Economia política — Responsável pelo processo de separação do Departamento de Planejamento Econômico e Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e sua transformação em Instituto de Economia, o que ocorreu em 1985, a professora Liana ressaltou o cunho de economia política presente em todo o projeto do curso e a força do trabalho coletivo da equipe e dos primeiros funcionários — entre eles Cândida Maria Teixeira, José Alexandre Munhoz, Neide Pereira Baldovini e tantos outros. "Havia o hábito salutar de se trabalhar coletivamente e, a despeito das inúmeras diferen-

ças e divergências que nos marcam, temos uma série de princípios e idéias em comum".

Respeitada por seus colegas e admirada pelos jovens, quer por sua competência, quer pela irreverência e a coragem de sempre dizer o que pensa, a professora Maria Conceição Tavares destacou o espírito crítico dos pesquisadores do IE, que considera da "melhor qualidade possível" conjugado ao esforço teórico de tentar levar adiante uma dinâmica própria para compreender a sociedade e a economia brasileira.

Em busca de respostas — Ex-aluno da primeira turma de graduação e de pós-graduação de economia da Universidade e atualmente integrado como professor da casa, Fabrício de Oliveira, há 23 anos na Unicamp, falou dos sonhos e das expectativas que o toxeram à instituição. "Em 1970 aqui desembarcamos, eu e vários colegas e muitos daqueles que desde então são professores do IE. Chegamos à procura de respostas para muitas de nossas angústias, derivadas da peculiaridade do momento vivido pela sociedade brasileira, mas também em busca de informação e da formação necessária a nossa vida profissional. A época do milagre estava em plena marcha e se incumbia, ele próprio, de marginalizar, pelo seu caráter excludente e concentracionista, o grosso da população, de seus frutos. Por sua vez, os aparelhos de repressão montados pelo regime militar tentavam silenciar as não muitas vozes discordantes do sistema e varrer do cenário seus opositores mais ferrenhos".

Depois de descrever o clima político do momento em que foi criado o curso de economia da Unicamp, Fabrício disse que encontrou no Departamento de Economia o ambiente que procurava para dar respostas a suas inquietações e, ao mesmo tempo, dar a solidez necessária a sua formação. Isto porque, como afirmou, estava reunido no departamento "professores preocupados com a análise crítica e imbuídos da concepção de um país melhor e mais justo. Ensinavam, ao contrário do que ocorria naquele período, como a ciência econômica deveria estar a serviço da felicidade do homem".

A preocupação com o entendimento da complexidade do processo social e das raízes de seus conflitos e contradições era, de acordo com o professor Fabrício, a mola-mestra das aulas proferidas por professores da Universidade. "A profusão de textos e trabalhos derivados dessa escola, juntamente com a luta sem trégua de seus membros contra a política econômica em curso, sem deixar de lado seus compromissos acadêmicos, se constituiu, sem sombra de dúvida, numa das páginas mais marcantes da nossa história recente", acrescentou.

O presidente do Centro Acadêmico do Instituto de Economia, o aluno Rafael Oliva Augusto, mostrou o que pensam os estudantes da casa onde buscam sua profissionalização. Segundo Rafael, é papel dos alunos aprender a dialogar com a instituição apontando suas fraquezas. As expectativas que o aluno dos anos 90 guarda com relação ao IE, de acordo com ele, são de diferentes naturezas, entre elas a formação *stricto sensu* e o modo como a instituição se conduz em relação à sociedade. "A formação de um aluno com capacidade de refletir e participar do debate político é a qualidade distintiva desse Instituto que se constitui numa escola de pensamento", afirmou.

Em nome dos muitos funcionários que ajudaram a construir a história do Instituto de Economia da Unicamp, Cândida Maria Teixeira, que acompanha os destinos do IE desde o momento em que estava vinculado ao IFCH, falou de seu orgulho como funcionária fundadora, de integrar esse grupo. Lembrou do volume de trabalho que era necessário para colocar o projeto em funcionamento e, ao mesmo tempo, da "paixão que movia a criação da escola. A paixão dos professores, que fazia vibrar os barracos do hoje Colégio Técnico, na rua Culto à Ciência, contagiava". Cândida deu o seu testemunho de como esses economistas, "não-felizes na maior parte do tempo, mas extremamente determinados e impulsionados pelos seus princípios", conseguiram viabilizar a formação de uma nova e sólida escola de pensamento econômico no país. (G.C.)



Cândida, uma das primeiras funcionárias.